

Efigênia Maria Dias Costa

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Narrando para não esquecer:

vida, experiência,
docência e formação

Wilton Moraes

Efigênia Maria Dias Costa
Luiz Eduardo Paulino da Silva

Narrando para não esquecer:

vida, experiência,
docência e formação

Wilton do Amaral

| São Paulo

| 2021



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela
Universidade Católica do Paraná, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Alexandre Antonio Timbane
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Alexandre Silva Santos Filho
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Aline Daiane Nunes Mascarenhas
Universidade Estadual da Bahia, Brasil

Aline Pires de Moraes
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Carolina Machado Ferrari
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Andre Luiz Alvarenga de Souza
Emill Brunner World University, Estados Unidos

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Beatriz Braga Bezerra
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Breno de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Carla Wanessa Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Daniel Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Danielle Aparecida Nascimento dos Santos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Doris Roncareli
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Emanoel Cesar Pires Assis
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil



Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil

Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Vitoriano
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra

Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

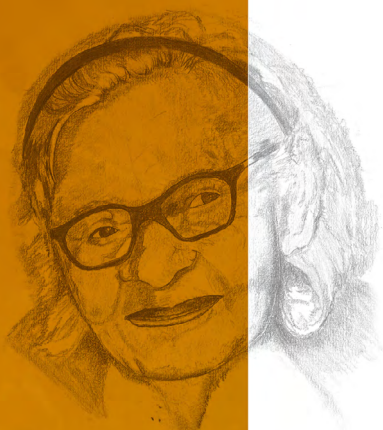
Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Isabel Imbronito
Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil



Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patricia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite
Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério
Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos
Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes
Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade de Brasília, Brasil

Thiago Guerreiro Bastos
Universidade Estácio de Sá e Centro Universitário Carioca, Brasil

Thyana Farias Galvão
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior
Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

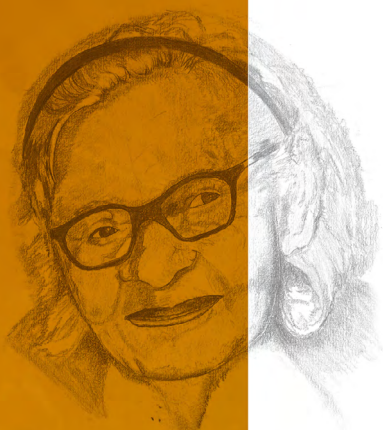
Walter de Carvalho Braga Júnior
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Wagner Corsino Enedino
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte
Universidade Federal de Sergipe, Brasil

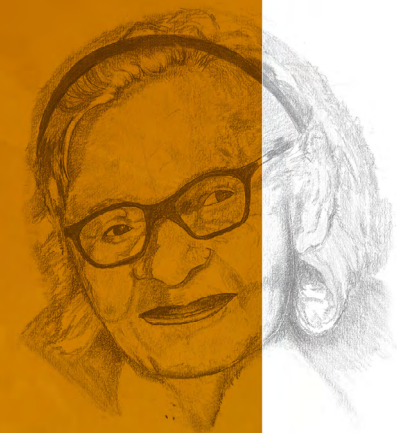
Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle - Canoas, Brasil</i>	Antônia de Jesus Alves dos Santos <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Adriana Flavia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Ariane Maria Peronio Maria Fortes <i>Universidade de Passo Fundo, Brasil</i>
Alessandra Dale Giacomin Terra <i>Universidade Federal Fluminense, Brasil</i>	Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade do Estado da Bahia, Brasil</i>
Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Bianca Gabriely Ferreira Silva <i>Universidade Federal de Pernambuco, Brasil</i>
Alessandro Pinto Ribeiro <i>Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Bruna Donato Reche <i>Universidade Estadual de Londrina, Brasil</i>
Aline Marques Marino <i>Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aline Patricia Campos de Tolentino Lima <i>Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil</i>	Camila Amaral Pereira <i>Universidade Estadual de Campinas, Brasil</i>
Ana Emídia Sousa Rocha <i>Universidade do Estado da Bahia, Brasil</i>	Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Ana Iara Silva Deus <i>Universidade de Passo Fundo, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Ana Julia Bonzanini Bernardi <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>	Carolina Fontana da Silva <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Carolina Fragoço Gonçalves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil</i>
André Luis Cardoso Tropiano <i>Universidade Nova de Lisboa, Portugal</i>	Cecilia Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
André Ricardo Gan <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Cintia Moralles Camillo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Andressa Antonio de Oliveira <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>	Claudia Dourado de Salces <i>Universidade Estadual de Campinas, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cleonice de Fátima Martins <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Cristiano das Neves Vilela <i>Universidade Federal de Sergipe, Brasil</i>
Anne Karynne da Silva Barbosa <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>



Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil

Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Elaine Santana de Souza
*Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Eliisene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil

Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Fabricia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fabício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fabício Tonetto Londero
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Germano Ehleret Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jeane Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

João Henriques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

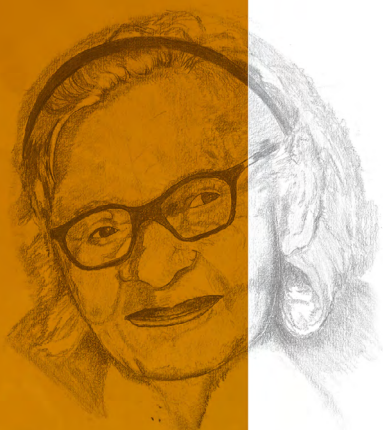
Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil

Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil

Leia Mayer Eyng
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil



Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Maurício José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

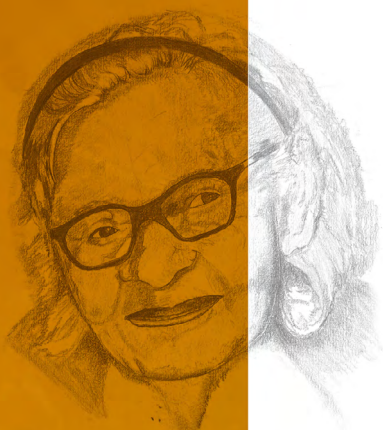
Wellton da Silva de Fátima
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Imagens da capa	Freepik - Freepik.com
Ilustração da capa	Walber de Moraes Chaves
Revisão	Vania Lacerda de AS Teles
Autores	Efigênia Maria Dias Costa Luiz Eduardo Paulino da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837n Costa, Efigênia Maria Dias –
Narrando para não esquecer: vida, experiência, docência e
formação. Efigênia Maria Dias Costa, Luiz Eduardo Paulino
da Silva. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 128p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5939-285-8 (eBook)

978-65-5939-279-7 (brochura)

1. Biografia. 2. Educação. 3. Docência. 4. Ensino.
5. História de vida. I. Costa, Efigênia Maria Dias. II. Silva, Luiz
Eduardo Paulino da. III. Título.

CDU: 900

CDD: 920

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.858

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP

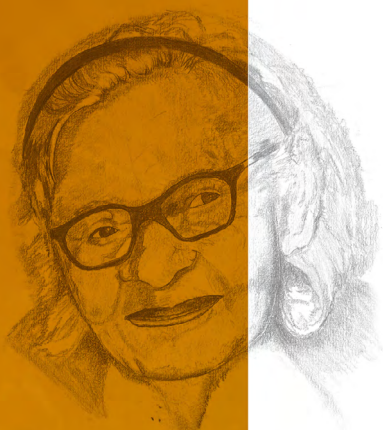
Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 1



A professora Josefa Edite

Dona Edite. Era assim que ela era conhecida e denominada carinhosamente por todos que a conheciam, inclusive nós, que tivemos a alegria de conviver com ela durante três anos de trabalho, de 2011 a 2013, e em encontros semanais na sua residência, em fevereiro de 2020, para a realização de entrevistas e longas conversas com o desígnio de produzir este livro.

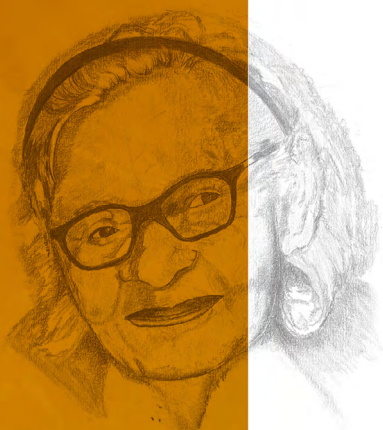
Os encontros semanais em fevereiro de 2020 foram marcantes para nós e parece-nos terem sido providencial, pois, nos primeiros dias do mês de junho de 2020, para nossa tristeza e dor, recebemos a notícia que Dona Edite teve um acidente vascular cerebral – AVC - e poucos dias depois veio a óbito.

Ressaltamos a relevância de sua contribuição na materialização deste livro, que também era desejo dela. Foi uma grande parceira nessa empreitada, compartilhou sua vida, sua experiência docente, seus valores e crenças numa educação que contempla a pedagogia do cuidado.

Destacamos ainda a ternura cativante e peculiar de Dona Edite para com todas as pessoas que tiveram a honra de conhecê-la e com ela conviver. Sua forma calorosa e acolhedora de receber e tratar as pessoas era sem igual, indescritível.

Nossos encontros com ela sempre foram regados a calor humano e aquecidos por um excelente café, com fatura de pães, biscoitos e queijos. E quando esses encontros se estendiam ela já anunciava que dali só sairíamos após o almoço, sempre tão carinhosamente oferecido.

Por toda a singeleza, docilidade e respeito pelo ser humano, especialmente pelas crianças pequenas, pelo olhar amoroso que acolheu e encorajou cada pessoa, a quem tornou especial, por ser



um exemplo a ser ressignificado sempre, nosso carinho e gratidão a Dona Josefa Edite!

O período em que nos encontramos com essa professora foi admirável, foram momentos de contentamento, de desconstrução daquilo que nós ajuizávamos acabado. Como diz Paulo Freire, somos seres inacabados, e esse efeito foi nitidamente refletido por nós ao permanecermos em momentos de aprendizagem com Dona Edite.

Em todo o percurso do projeto de extensão, e sobretudo na entrevista que fizemos com ela no mês de fevereiro, incidiram ensinamentos de vida, lições de conhecimento, de aprendizagem, de amor e de doar-se pelo outro. Esses valores não adquirimos com títulos acadêmicos, mas, tão somente, com a vivência e convivência de contribuir e se colocar na situação daqueles que mais precisam de nós, como fez nossa entrevistada.

Estar com Dona Edite, exemplo de professora da escola pública, particular e filantrópica, sempre olhando para a criança com sensibilidade, respeito, carinho e afeto, foi entender como vale a pena ser professor e como é prazeroso desempenhar essa profissão com dedicação.

Aprendemos com Dona Edite, durante a pesquisa e a entrevista, valores que talvez não tenhamos aprendido no percurso acadêmico, como o sorriso carinhoso, o abraço aconchegante, a calma nas palavras e o até logo com desejo de nos vermos em breve.

O legado que essa professora nos deixa é formidável, sempre se colocando como serva, aquela que cuida, que está a serviço do outro. Era professora, acolhedora e ajudadora e em nenhuma ocasião ela se nomeava como diretora

Dona Edite, mesmo sendo uma senhora aposentada, mãe e avó, não se intimidava de, com o seu salário e a contribuição de outras pessoas, ajudar no ensino-aprendizado das crianças da creche. Com



todo cuidado, ela estendia a mão para as crianças e dispunha-se a alimentar, vestir e transmitir conhecimento aos pequeninos.

Aos 91 anos e com um sorriso inconfundível, ela nos confienciava de sua felicidade quando de nossa chegada em sua residência. Chegamos a comunicar-lhe que este trabalho ficaria pronto e ela seria a anfitriã no lançamento do livro, onde poderia narrar suas experiências e trajetória de vida. Com muita humildade e sorrindo, proferia que já não lembrava de tantas coisas. Portanto, nós sabíamos que era modesta e que, apesar da idade avançada, se lembrava e contava coisas dos tempos de outrora.

Uma mente lúcida, coração grande, ser humano ímpar... Escrever sobre essa mulher, professora, mãe e avó cristã foi, para nós, imprescindível!

Os autores



SUMÁRIO

Prefácio 14

Introdução 17

Capítulo I

O prazer de viver e ser professora 19

Biografia, memória e narrativas
da professora Josefa Edite 23

A professora e militante: Josefa Edite 30

Capítulo II

**A experiência de um projeto de formação
docente no contexto da creche 40**

Encontro de estudo: um caminho
para a reflexão e a ação..... 44

Planejamento: pensando
o que fazer e como fazer..... 45

Capítulo III

**Oficinas pedagógicas:
um processo de educação e formação participante 47**

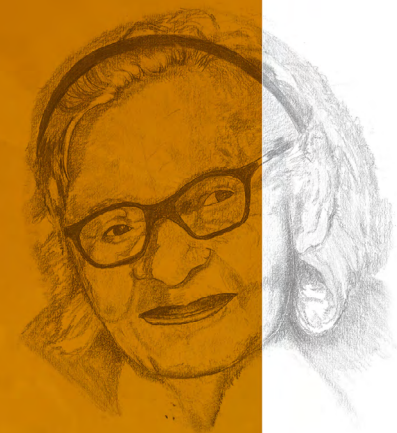
Oficina I – Relações humanas e autoestima..... 49

Oficina II – Relações humanas e afetividade 53

Oficina III – Construção
do trabalho coletivo na creche..... 57

Oficina IV – A função social da professora
de creche: educar e cuidar 63

Oficina V – Jogo, brinquedo e brincadeira..... 68



Oficina VI – Construção de jogos e brinquedos educativos.....	74
Oficina VII – Organização das atividades diárias na creche	82
Tempo e chamada.....	85
Ajudante do dia	86
Atividades do dia.....	86
A importância da roda.....	86
Um de cada vez	87
Criando autonomia.....	88
Organização do espaço	89
Era uma vez.....	89
Oficina VIII – Avaliação na educação infantil	91
Oficina IX – Contação de histórias	96
Oficina X – Importância dos cantinhos educativos	99
Oficina XI – Música e movimento na educação infantil	103
Oficina XII – Linguagens artísticas na educação infantil	108
Oficina XIII – As crianças	120
Considerações finais	122
Referências	124
Sobre a autora e o autor	126
Índice remissivo.....	127



PREFÁCIO

Ao longo dos anos, muitos foram os sentidos e significados que os termos **memória** e **história** adquiriram. Não é fácil falar desses conceitos, muitas vezes complexos e fugidios. Mas, é pelo narrar da vida profissional de Josefa Edite Lins de Lima, ou simplesmente Dona Edite, que os autores desta linda obra temática e biográfica – ***Narrar para não Esquecer*** – convidam seus leitores a percorrerem os meandros da história e a encantarem-se pelas memórias dessa educadora que conduziu os pilares da história da educação infantil em Solânea, município do brejo paraibano.

As escritas aqui originadas traduzem as experiências de um convívio afetivo vivenciado ao longo de três anos na Creche Padre Geraldo, onde Dona Edite, já aposentada, atuava como coordenadora voluntária. Foi por meio das ações desenvolvidas pelo projeto de extensão (2011, 2012 e 2013) *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* que se deu o encontro com Dona Edite e sua pedagogia do afeto, seu comprometimento e militância em favor da educação, motivando os autores a nutrir o desejo de esculpir em palavras essa significativa experiência.

Memória e **história** são, nesta obra, conceitos matrizes que expressam, por meio de Dona Edite, nuances constituintes da história da educação infantil na Paraíba. Pierre Nora (1993, p. 9) define esses conceitos como:

A **memória** é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento (...). A **história** é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. A história uma representação do passado.

Nesse contexto, a memória é a fonte do sensível e a história, a ciência encarregada por registrá-la. Ambos os conceitos são recheados de lembranças e esquecimentos, potencialidades e limitações. Resta-nos estar atentos a interpretá-los como “duas vias de acesso ao passado, paralelas e obedientes a lógicas distintas” (PHILIPPE JOUTARD, 2007, p. 225).

A escrita desta obra traduz, assim, a tentativa louvável de enraizar no concreto – o texto – a memória da educadora Dona Edite. Em ***Narrar para não Esquecer***, os leitores saborearão relatos de vida e sensibilidades emolduradas em trajetórias educativas, experiências que precisam ser registradas em palavras para não serem esquecidas. Segundo Paul Ricoeur (2007), o esquecimento configura-se como uma ameaça para a memória (mesmo que seja parte inerente do processo de lembrar), por isso é a narrativa escrita uma estratégia para burlá-lo.

Como arqueólogos que vivem em busca de vestígios do passado, nós, do Grupo de Pesquisa História da Educação do Brejo Paraibano - HEBP¹, vivenciamos a difícil tarefa de estudar a história da educação de Solânea, ainda mais complexa pela ausência de fontes e arquivos históricos que respaldem o trabalho do pesquisador. Para aqueles que, como nós, revolvem o passado “como se revolve o solo”, à procura de fragmentos de história submersos “pelas areias movediças do tempo” (WALTER BENJAMIN, 1995, p. 239), encontrar uma obra como esta é achar um verdadeiro tesouro. Por meio dela é possível inventariar traços da educação de Solânea e histórias de educadoras que, como Dona Edite, marcaram a cidade.

Para Jorge Larrosa (2017, p.1), “[...] essa experiência em palavras nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos

¹ Grupo coordenado por mim e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ. Informações sobre o grupo podem ser consultadas no seguinte endereço eletrônico: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9244025594549006>. Grupo responsável pelo Repositório Digital ‘História da Educação de Bananeiras – HEB’, disponível em: www.cchsa.ufpb.br/heb.

de ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo". Este livro é um meio de educar os sentidos pelas experiências escritas, vivências que nos tocam e nos transpassam, afetando-nos e reconfigurando-nos enquanto educadores. Para além de conceber "Dona Edite por Dona Edite", almejo, querido leitor, que a leitura deste livro te conduza a uma experiência sensível de aprendizagem.

Vivian Galdino de Andrade

Departamento de Educação
CHSA/UFPB



INTRODUÇÃO

Algumas são as histórias deste livro, que tem vários pontos de partida, como um grupo de extensão, um encontro na universidade, o encontro com a professora Josefa Edite Lins de Lima e a Creche Padre Geraldo e o reencontro de dois professores ansiosos em compartilhá-la.

No ano de 2011, o projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* chegou à Creche Padre Geraldo para apresentar sua proposta de trabalho e pedir permissão para o seu desenvolvimento, proposto pelo DE/CCHSA/UFPB. Amorosamente ele foi acolhido pela coordenadora da referida instituição, que abriu não só as portas da creche, mas também as portas do coração de professora comprometida com a educação da criança pequena, a quem dedicou muitos anos de sua vida.

E, assim como Rousseau (1999) em *Emílio ou da educação*, a preocupação primeira da professora Josefa Edite foi pensar na formação de quem educa a criança, ou seja, a professora da primeira infância.

Logo, deu-se a realização de um rico trabalho que proporcionou muitos aprendizados para todos os envolvidos - professoras da creche e grupo extensionista. Desejamos aqui narrar os frutos dessa experiência, pois a palavra escrita é a tradução de uma experiência e, como expressão do vivido, é comunicação e troca (OSTETTO, OLIVEIRA & MESSINA, 2001).

Esperamos que este registro histórico cumpra sua função social e humanizadora: deixar para os estudantes de Pedagogia e professores/as da educação infantil um breve relato sobre a vida da professora Josefa Edite e a experiência da formação continuada no contexto de creche através do projeto de extensão acima mencionado.



Dessa forma, então, este livro encontra-se organizado em três capítulos e, por fim, tecemos algumas considerações, reafirmando a riqueza do processo de pensar e repensar o vivido possibilitado pelo exercício da escrita. E embora escrever nem sempre seja fácil, ousamos aqui este ensaio.



1

**O PRAZER DE VIVER
E SER PROFESSORA**

Recorremos a Lia Ciomar Macedo de Faria, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, para introduzir as memórias e narrativas da professora Josefa Edite Lins de Lima, a partir de um poema publicado em sua dissertação de mestrado, no ano de 1989, que diz:

SER MULHER
Quem é essa mulher?
Professora, mãe, esposa
Quem é essa mulher?
Medrosa, insegura, fugidia
Quem é você, mulher?
Sem rosto
Assexuada
Do homem
Para o homem
No homem
Quem é você?
Ente feminino
Imaginário
Etéreo
Entre filós, batons e mamadeiras
Quem é você?
Seu sexo
Sua vontade
Seu desejo
Quem é você
Início – fim
Meio – começo
Novelo de lã embaraçado
Procuro a ponta
E não acho
Quem é você
Mulher brasileira
De tanta história
Masculina
De pouca história
Feminina
Quem é você?
Nessa procura
Busca

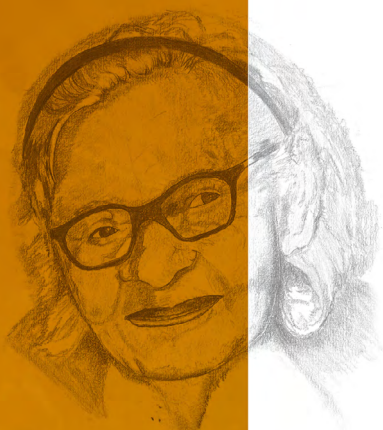


Descoberta
Meio menina
Adolescente
E não mulher
Coisa sofrida
Reprimida
Espremida
Como é que é
Afinal
Ser mulher?
(Lia Faria)

Josefa Edite Lins de Lima, mulher, professora, mãe, esposa, se-rena, forte, com vontades e desejos, tinha na pele de mulher guerreira e esforçada, como bem cantava o saudoso Luiz Gonzaga, as marcas enraizadas de 91 anos de idade, história e experiências. De origem humilde e campesina, sua figura era a de uma mulher forte, resiliente e que fez história e deixou muita experiência em sua trajetória. De uma lucidez extraordinária e com o desejo insaciável por viver, ainda demonstrava, durante o período da pesquisa, em fevereiro de 2020, a coragem daqueles/as que têm no espírito a marca da luta.

As memórias e narrativas dessa mulher emergiram da formação ascendida ao longo da vida e de sua trajetória pessoal e profissional como uma jovem que desde o início de sua mocidade contribuiu com a educação da Região Geográfica Imediata de Guarabira, mais especificamente no município de Solânea-PB.

Assim, as narrativas no decorrer desta primeira parte do livro estão relacionadas à escolha da profissão da professora Josefa Edite, à sua vivência e aprendizagem com sua mãe, sua formação no ensino normal, à atuação docente na educação infantil em escolas públicas e particulares, e à sua maior experiência e prática docente quando esteve à frente da Creche Padre Geraldo, uma instituição filantrópica na cidade de Solânea-PB, após sua aposentadoria.



Coelho (2010, p. 15) afirma que a nossa vida é tecida por cada um de nós, o que significa que, na maioria das vezes, somos responsáveis pelas escolhas que fazemos, pelos caminhos que percorremos e pela história que construímos. A professora Josefa Edite teceu suas escolhas mediante as dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, mas sempre incluiu o desejo de aprender, motivando-se a estudar, mesmo em tempos difíceis, em que o ensino não era acessível a todos. No entanto, o desejo de estudar e transmitir os conhecimentos adquiridos era maior do que qualquer conceito pré-existente naquela época.

Desse modo, estrear as memórias e narrativas dessa professora não é algo fácil para nós, pesquisadores, uma vez que somos corpos com raízes na escola básica, perpassando pela educação infantil até as séries iniciais da primeira fase do ensino fundamental, séries que ela abraçou por todo o período em que lecionou com tanto afincamento. Daí a importância deste registro, corroborada por Bosi ao dizer que:

Quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confiante os segredos do ofício... Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou sua existência passa (ou deveria passar) à outra geração como um valor (1988, p. 399).

O reconhecimento da dimensão utilitária do narrado foi confirmado ainda mais ao encontrarmos a professora Josefa Edite, aposentada, aos 91 anos, em um bate-papo aberto em sua residência, nas manhãs de terças-feiras, durante todo o mês de fevereiro de 2020. Admitimos que a alegria e emoção de termos essa mulher idosa, lúcida, inteligente e sorridente, dialogando e respondendo às nossas perguntas foram colossais.

Nossos encontros ocorreram com bastante cordialidade e segurança, e a nossa entrevistada lembrou de detalhes intensos ao longo da sua trajetória de vida, dando-nos respaldo para produzirmos este



debate reflexivo com futuros pedagogos, professores, orientadores, gestores, supervisores e outros que pesquisam acerca da educação infantil. Aqui é possível, segundo Goodson (1992), ver como determinadas experiências históricas são potencializadoras e inspiradoras de desenvolvimento pessoal e profissional.

Essa firmeza que encontramos na professora Josefa Edite foi o que nos deu segurança de registrar e compartilhar essa história nos muitos espaços onde se faz e se vive a educação, principalmente no meio acadêmico, para que seu legado de práticas de ensino-aprendizagem transformadoras, emancipatórias e humanizadoras não caia no esquecimento e se perpetue entre as futuras gerações de professores/as de nossa região. É necessário que absorvamos essas narrativas na medida em que o cenário brasileiro costuma deixar de lado memórias, experiências e contribuições referentes ao campo educacional. Dessa forma, sintam-se à vontade para debruçarem-se diante desta leitura que traz abertura para o campo da educação.

Nosso objetivo é falar sobre a professora Josefa Edite, desde sua infância até os momentos atuais, dando enfoque a quatro elementos importantes: sua história e trajetória de vida, sua formação, sua experiência na Creche Padre Geraldo e suas lembranças.

BIOGRAFIA, MEMÓRIA E NARRATIVAS DA PROFESSORA JOSEFA EDITE

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que

transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta (BOSI, 2003, p. 69).

A fala da autora permite refletirmos sobre narrativas, história e trajetórias de vida através das reminiscências da professora que contribuiu, ano após ano, com a educação de crianças pequenas no município de Solânea-PB. A partir dessas ideias e dos estudos (auto)biográficos, conseguimos entrevistar a professora Josefa Edite com o desígnio de conhecer sua história e não a conduzir ao esquecimento. Assim, trazemos aos leitores as experiências vividas no projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância*, realizado na Creche Padre Geraldo, na cidade de Solânea/PB, que evidenciaram a necessidade urgente de capacitação das professoras no sentido de (re)conhecimento da sua função social na instituição e principalmente na construção/formação do sujeito cidadão.

Josefa Edite Lins de Lima nasceu no dia 27 de maio de 1929, no Sítio Saco dos Campos, município de Bananeiras-PB (hoje pertencente ao município de Solânea-PB), filha de Manoel Sabino de Lima e Joana Maria de Lima, ambos agricultores. No entanto, além de agricultora, sua mãe exercia também o ofício de professora em uma escola particular da comunidade onde residia.

Tendo sido alfabetizada por sua mãe, aprendeu a ler e a escrever estudando a cartilha e alguns livros da época em que sua mãe alfabetizava as crianças da comunidade em sua residência. Quando Josefa Edite já tinha o domínio da leitura e da escrita, seu pai, por influência e apoio de um amigo, levou-a para residir na cidade de Serraria-PB, onde ela estudou a 1ª e a 2ª séries do primário, como se denominava naqueles tempos.





Josefa Edite e sua mãe, Joana Maria, fazendo um passeio na cidade de Solânea-PB.

Ainda que não possuísse fotografia com sua mãe quando criança, guardava, entre algumas imagens desgastadas pelo tempo, essa relíquia, como a própria se referia, lembrando, durante a entrevista, com emoção, chamando sua mãe de “mãezinha” quando exibia a fotografia, emocionando-se e descrevendo o quanto a amou e foi amada por ela. Segundo relatou, sua mãe teve quatro filhos, sobrevivendo até os dias vindouros apenas ela e uma irmã, que atualmente reside em Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Como não houvesse escola perto de onde habitava, para que pudesse dar prosseguimento aos seus estudos, seu pai a encaminhou para outra cidade, o que fez com que ela sofresse muito preconceito e enfrentasse labutas, por ser da zona rural e não saber se comunicar como as meninas da cidade.

A minha mãe era professora particular, ganhava muito pouco e eu a ajudava, então ela me incentivava a estudar. Meu pai, agricultor, mas sempre me incentivando. Eu dizia “papai, quero muito estudar”, e ele perguntava: “como, minha filha, iremos colocar você para estudar?”. Então, meu pai tinha amigos na cidade de Serraria, bastante longe de onde morávamos. Certa vez fui passar uma semana na casa desse amigo de papai, então ele percebeu como eu tinha vontade de estudar, e quando meu pai foi me buscar, ele falou: “Seu Manezinho, coloque sua filha para estudar”, e o meu pai disse: “é o que ela mais quer, seu Antônio, mas não tem como vir todos os dias para Serraria, é muito longe”. Então, seu Antônio disse: “tenho três meninas, traga mais uma”, e meu pai levou-me para estudar o 1º e 2º ano na cidade de Serraria, onde fiquei durante esse tempo na casa de seu Antônio, com suas filhas. Eu tive de fazer um teste para entrar na escola e, graças a Deus, passei. Quando morei em Serraria, sofri muito bullying, por parte das meninas, por não saber andar, falar, depois fui me acostumando, meu pai levava bolacha, comida, e eu colocava no quarto, e então deixava elas comerem e assim ficaram minhas amigas (JOSEFA EDITE, 02/2020).

Quando ela concluiu a 2ª série, seu pai a levou de volta para casa e, para que a filha pudesse continuar estudando, mudou-se para o sítio Moreno (Vila de Bananeiras), onde ela cursou até a 5ª série no Grupo Escolar Celso Cirne. Com a conclusão do curso primário, em novembro de 1941, era forte o desejo de fazer o ginásio e, quem sabe, o 2º grau (atual ensino médio). No entanto, isso não foi possível, devido às condições financeiras e a outros fatores que dificultavam os estudos naquele tempo.

Ainda jovem, e com a finalidade de trabalhar para ajudar seus pais, ela começou a lecionar, em sua residência, para as crianças do sítio Cabeçudo, na região do Curimataú paraibano. Porém, as dificuldades financeiras dos pais das crianças eram gritantes, e o que a professora recebia era tão pouco que quase não contribuía com as despesas do lar.

No ano de 1946, Humberto Coutinho de Lucena conseguiu uma nomeação na Secretaria de Educação do Estado para que Josefa Edite



pudesse lecionar, mesmo sem haver concluído o ginásio. Nessa época, ela era menor de idade e ainda não tinha sido registrada. Sabendo que para lecionar era preciso ter mais de 18 anos, registraram-na com outra data, ou seja, como se tivesse nascido em 29 de janeiro de 1927. Sendo assim, ela exerceu a função de professora sem interferência, e em outubro daquele mesmo ano foi lecionar na Escola Rudimentar Rural Mista, no sítio Pedra D`água, a qual durou pouco tempo. Fala da entrevistada:

No ano de 1946, fomos morar em uma casa grande, e colocaram uma escola particular. Nesse mesmo ano, veio um político conhecido da família, que ajudou e me incentivou para trabalhar no sistema público de ensino, mesmo eu sendo menor. Lembro que ele falou com o prefeito daquela época e me indicaram a uma diretora, quando chegamos na escola ela falou: “Essa menina vai ensinar aqui, essa menina!”. Então disseram: “Dê um jeito e coloque ela, depois ela faz o concurso”. No entanto, tive de ser submetida a um processo seletivo do Estado, com muitas pessoas, a prova foi em João Pessoa, era um bicho de sete cabeça, mas passei, graças a Deus. Logo que saiu o resultado, me levaram à capital com minha documentação e fizeram meu cadastro. Isso só aconteceu porque mudaram a data do meu registro, pois naquela época ainda não era registrada. Eu era batizada na igreja católica, mas não tinha registro de nascimento. Quando eles me entregaram a documentação que iria lecionar eu fiquei surpresa e pensei: será que agora vou ensinar mesmo? Serei professora de verdade? Desde a minha infância Deus esteve comigo e sinto a presença d’Ele (ENTREVISTA, JOSEFA EDITE, 02/2020).

A narrativa da docente permite revisitar ambientes do seu próprio processo de formação que podem assegurar novos olhares para a sua ação pessoal, educacional e profissional, contudo, é notório que adentrar nas narrativas é partir dos significados mais importantes que o narrador consegue trazer em suas memórias, e isso foi algo marcante no percurso de nossa entrevista, como ela delineia.

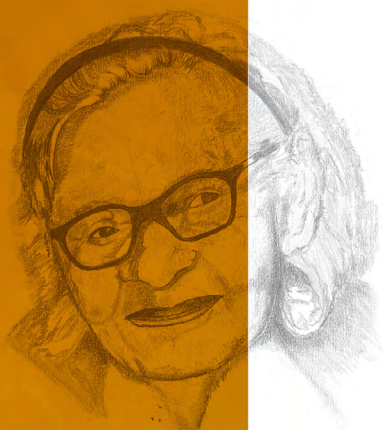


Ser professora é estar em constante exercício de reflexão sobre a ação e, por conseguinte, da formação contínua. Como diz Freire (1996), o professor nunca está acabado, dada a incompletude do ser humano, que transforma o seu fazer permanentemente ao mesmo tempo que é transformado.

Ao narrar-se, a pessoa parte dos sentidos, significados e representações que são estabelecidos à experiência. A arte de narrar, como uma descrição de si, instaura-se num processo metanarrativa porque expressa o que ficou na memória. [...] um olhar para si marca, no contexto da pesquisa, a implicação e o distanciamento dos sujeitos narrarem suas histórias a partir de lembranças particularizadas das histórias de vida (SOUZA, 2006, p.104).

As narrativas são de extrema leveza quando as lembranças fluem numa sequência de etapas e, nesse viés, a professora Josefa Edite memorizou muito bem, ao ponto de, entre o café, um biscoito e até mesmo o degustar de um almoço oferecido por sua ajudadora Iolanda Silvino Alves, tragarmos das fases que nos apresentou no decorrer da entrevista. Por exemplo, quando foi mencionado sobre sua família, ela lembrou-se, com exatidão, que se casou aos 18 anos com o jovem Pedro Lins de Araújo, no dia 06 de novembro de 1946, teve quatorze filhos e criou onze, dos quais, hoje, estão vivos apenas seis: dois homens e quatro mulheres.

Casei-me aos 18 anos e com 38 já tinha quatorze filhos, três nasceram prematuros e morreram, sobrevivendo onze. No entanto, Deus levou mais quatro ainda pequeninos, uma mulher e três homens, e sobreviveram sete, porém, depois de adultos, mais um faleceu, restando agora quatro mulheres e dois homens (JOSEFA EDITE, 02/2020).





Josefa Edite e seu esposo, em uma festividade religiosa em Solânea-PB.

A professora não guardava fotografia do seu matrimônio, mas nessa ela aparece com o seu amado, que significou muito em sua vida, pois, mesmo em uma época em que o marido era tido como provedor, ele quebrava os tabus da sociedade e a respeitava, incentivava e valorizava, motivando-a a prosseguir em seus projetos e no objetivo de ser professora.

De acordo com as narrativas da professora, em dezembro de 1947, por questões políticas, ela perdeu o emprego de docente, ficando alguns anos afastada da escola pública, quando voltou a ensinar na escola particular. Somente no ano de 1952 ela conseguiu ser nomeada novamente para lecionar no supletivo de adultos, no turno da noite, enquanto, durante o dia, continuava a lecionar para as crianças na escola privada.

Nesse meio tempo, Josefa Edite ingressou num colégio estadual na mesma cidade em que trabalhava, voltando a realizar o sonho de prosseguir com os estudos e concluí-los, cheia de coragem e entusiasmo. Ela relata que, com muita luta e pouca saúde, mas uma

enorme vontade de estudar, concluiu o antigo ginásio, correspondente, hoje, ao 9º ano do ensino fundamental.

No dia 13 de abril de 1954 foi nomeada pela Secretaria de Educação do Estado, passando a pertencer ao quadro permanente de funcionários efetivos do magistério, lecionando na zona rural, no Sítio de Cacimba da Várzea, até 1966. Após isso fez um curso de aperfeiçoamento na cidade de Guarabira, conseguindo em seguida ser transferida para a cidade de Solânea-PB, onde teve a oportunidade de ensinar e estudar para concluir o ginásio.

A PROFESSORA E MILITANTE: JOSEFA EDITE

Após concluir o antigo ginásio, a professora Josefa Edite demorou quase duas décadas para iniciar o 2º grau - hoje, ensino médio. Somente em 1974 principiou seus estudos no Curso Normal (formação inicial para o magistério em nível de 2º grau), enfrentando dificuldades, empecilhos e situações difíceis, entre elas um problema de saúde que a levou a fazer uma cirurgia que a impediu de estudar por algum tempo. Mesmo assim, concluiu o Curso Normal no ano de 1978.

Mesmo trabalhando em dois expedientes, pois pela manhã lecionava no Jardim de Infância Lobinho e à tarde, no Grupo Escolar Estadual Celso Cirne, ambos na cidade de Solânea-PB, e estudando no colégio das freiras à noite, voltando para casa às 23h, a professora afirma que não sentia cansaço, já que seu anseio de concluir os estudos era maior. E por várias vezes o curso precisou ser interrompido diante do estado de saúde que ela enfrentava.

Fui operada de vesícula, da qual vinha sofrendo muito, com várias crises, até que não deu mais, minha vesícula foi estrangulada e eu tive que ir às pressas para João Pessoa me operar. Assim foi



mais um ano interrompido, logo chegando continuei meus estudos e finalmente concluí em 1978 (JOSEFA EDITE, 02/2020).

É importante entendermos o quanto as narrativas ponderam o indivíduo que narra, descrevendo suas lembranças e interagindo com sua história. Nossa entrevistada, apesar dos 91 anos, demonstrava uma lucidez assaz nítida sobre as memórias que marcaram o seu percurso de vida e trajetória.

É na essência da subjetividade dos acontecimentos narrativos e representados que as histórias vão se formando enquanto procuram aceitar as informações cotidianas da trajetória pessoal do sujeito, dando-lhe livre-arbítrio para narrar espontaneamente sobre suas experiências pessoais. É através da memória pessoal, quando o indivíduo traz as lembranças de um pretérito vinculado ao presente, aceitando entender o desenvolvimento de suas representações e significados, que as alocações e fatos obedecem à vida vivida por ele, estabelecendo-se como declarações reais.

Ao narrar, as pessoas buscam suas experiências e significados para relembrar o que estão guardando na memória, essas narrações trazidas pelo indivíduo podem ser tanto em grupos sociais quanto individuais e através dessas reminiscências é que o cidadão ou cidadã deixa abertas suas raízes desde os tempos de outrora. Foi o que percebemos nas narrativas da nossa entrevistada quando compartilhou conosco mais uma de suas lutas e decisões.

Em março de 1979, Josefa Edite foi transferida para a capital, passando a lecionar na Escola Estadual de 1º Grau Frei Martinho, localizada no bairro de Cruz das Armas. A professora relata que, chegando à capital, suas filhas começaram a estudar e trabalhar, e tudo foi dando certo, graças a Deus.



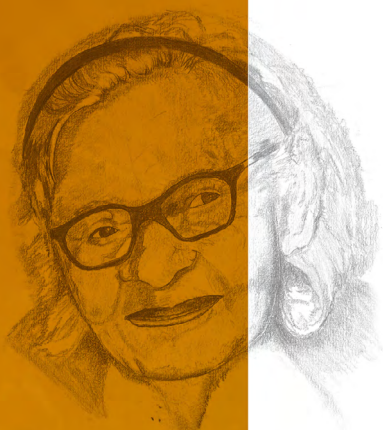
Devido à situação financeira e às condições de vida, resolvi tomar uma decisão. Em uma reunião com minha família, resolvi morar em João Pessoa, capital da Paraíba, porque lá as minhas filhas teriam condições de estudar e trabalhar para assegurarem melhor o seu futuro. E assim foi feito, logo consegui minha transferência, com a ajuda de uma amiga chamada Nevinha Rafael, que na ocasião residia na capital, a qual me ajudou muito nas minhas decisões (JOSEFA EDITE, 2020).

Com essa decisão, a única coisa que preocupava a professora era a falta que sentia de seu esposo, que preferiu não seguir com ela e as filhas à capital para não ter que deixar seus afazeres com os mangalhos, reunindo-se com elas apenas aos finais de semana. Na ocasião, ele vendia frutas nas feiras livres de várias cidades, como Barra de Santana, Santa Rosa, Solânea, Nova Floresta, Cuité e outras.

Ainda que se encontrasse com o seu esposo nos fins de semana, o fato de alguns filhos, já casados, terem continuado a morar em Solânea acarretava muita tristeza, e a professora não se sentia completamente feliz. Percebe-se que nossa entrevistada ficava dividida com a situação. Logo, ela desabafou:

Por este motivo a minha felicidade não era completa, sempre pensando nele e em como ele estava, e depois de um tempo se casaram duas de minhas filhas, Lucila e Luciane, ficando só eu e Lúcia Helena, os outros continuavam em Solânea, já eram casados e todos tinham suas casas. Meu esposo ficava com eles, mas meu pensamento estava sempre dividido entre João Pessoa e Solânea, porque em ambas as cidades vivia uma parte de mim (JOSEFA EDITE, 02/2020).

Notoriamente não era fácil para uma professora, mãe e esposa tomar tão grande decisão em uma época extremamente marcada por preconceitos, como o machismo, e outros questionamentos que envolviam a sociedade. Mesmo assim, a professora Josefa Edite contava



com o apoio de seu esposo, que contribuía para sua liberdade, seu progresso e crescimento familiar. E após sua aposentadoria, ocorrida em 28 de abril de 1982, o casal voltou a se reunir, na medida em que ela resolveu, então, regressar à sua terra natal. Como ela diz na entrevista, a saudade que sentia de sua amada terra e o fato de seu esposo não aceitar morar em João Pessoa fizeram com que concluísse sua carreira profissional, que tanto lhe honrou e que foi desempenhada com muito amor, carinho e dedicação. Porém, chegando a Solânea, sentiu falta da sala de aula, das crianças e da vida de professora. Para suprir esse grande vazio, buscou, então, realizar outras atividades nos afazeres da igreja, na catequese, na costura e em outros trabalhos.

Entendemos o sentido de memória coletiva mediante as falas de Josefa Edite, quando lembra da sua volta à cidade de origem e de quando, já aposentada, iniciou um trabalho voluntário com seus pares, na igreja. Sendo assim, não ficou ociosa e contribuiu para a formação espiritual e material de muitas pessoas.

Schmidt & Mahfoud (1993) nos dizem que o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. Josefa Edite tem suas memórias construídas e inseridas num contexto educacional, social, familiar e religioso, em vários setores da sociedade solanense.

Dois momentos marcaram a vida religiosa de nossa entrevistada: o trabalho catequético com crianças e a atuação na fraternidade Ordem Franciscana Secular – OFS. Ambos os grupos puderam, de formas distintas, porém com suas particularidades, incentivá-la a ser uma pessoa mais solidária, respeitável e compreensiva.





Josefa Edite entre alguns irmãos da OFS – Solânea/PB.

Mas os afazeres religiosos, com os quais sempre aprendia e ensinava, ainda não lhe preenchiem por completo, faltava-lhe algo a mais. Então, no ano de 1991, o saudoso padre Leonardo abriu uma creche e convidou-a para ficar à frente dos serviços da instituição, juntamente com a Ordem Franciscana da qual fazia parte. Dona Edite aceitou, junto com os irmãos franciscanos, a missão de trabalhar voluntariamente na creche. No início havia mais de vinte voluntários, mas com o tempo a maioria afastou-se, permanecendo apenas quatro pessoas.

Josefa Edite lembra que padre Geraldo era um holandês enviado a Solânea com a missão de ajudar o padre Leonardo na evangelização. Os dois contribuíram nas tarefas da igreja e com a sociedade lo-

cal. Ao passar dos anos, com o falecimento do padre holandês, padre Leonardo construiu uma creche e nomeou-a de Creche Padre Geraldo, em sua homenagem.



Fotografia da Creche Padre Geraldo – Solânea/PB.
Imagem da época da fundação

Segundo Josefa Edite, o trabalho na creche começou com 25 crianças de diferentes idades, todas sofrendo com a carência familiar, educacional e afetiva e exigindo dos voluntários um trabalho árduo. Mas, para ela, a experiência valeu a pena. Mais tarde reorganizaram a proposta da instituição e decidiram trabalhar com crianças entre 3 e 6 anos da periferia da cidade e desprovidas de educação para a primeira infância.

Essa realidade muito incomodou a professora Josefa Edite, que não mediu esforços para garantir não só a comida e um espaço digno para as crianças passarem o dia, mas um ambiente de cuidado e educação, razão pela qual ela lutou e trabalhou durante 22 anos. Já

aposentada, voltou-se inteiramente ao trabalho voluntário na creche, com muito amor, dedicação e responsabilidade.

Recebendo apenas doações de feirantes e comerciantes da cidade, pois não existia nenhum vínculo direto com o poder público municipal, a professora fez de tudo para manter o funcionamento da instituição. Fazia roupas de crianças para vender e inúmeras vezes extraiu dinheiro do seu próprio salário para investir no projeto que abraçou, acreditou e lutou.



Fotografia da exposição de roupinhas para as crianças da creche, feitas por Josefa Edite.

Essa atitude faz parte de uma causa maior, do cuidado com a criança pequena, da responsabilidade em ser, estar e fazer uma educação infantil mais humana e humanizadora. E isso só é possível com a conservação de valores humanos, como solidariedade, convívio coletivo, interesse pelo conhecimento, coragem de ser, fé, honradez, generosidade, alegria, amizade e tantos outros valores que encontramos na professora Josefa.

As imagens a seguir simbolizam as memórias de uma mulher que contribuiu com a formação de crianças numa creche filantrópica e que esteve à frente como uma verdadeira mãe e professora de crianças excluídas de tantos direitos, no município de Solânea-PB, durante duas décadas.



Fotografia das crianças estudando, na Creche Padre Geraldo.

As lembranças de sua contribuição para esse projeto são emocionantes. Seu trabalho ajudou muitas famílias solanenses e muitas vezes foi visto com descrédito, mas ela não se deixou abater e deu o seu melhor na missão que recebeu do saudoso padre para levar adiante uma creche filantrópica. E deu certo!

Durante 22 anos permaneci à frente da Creche Padre Geraldo, e naquela época contava com cinquenta crianças que eram mantidas por doações de pessoas que tinham boa vontade de nos ajudar. Em um certo tempo também tivemos ajuda da prefeitura e do ministério público, que nos apoiou nesta empreitada. As crianças passavam o dia todo na creche, chegavam às 7 h e

saiam às 17 h, recebiam quatro refeições ao dia, café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar (JOSEFA EDITE, 02/2020).

Josefa Edite, mulher, mãe, professora, dona do lar, esposa, estudante e religiosa, depois de aposentada comprometeu-se com a continuação de um trabalho cercado por grandes desafios e venceu cada um deles. A próxima imagem destaca o cuidado da professora na coordenação do trabalho pedagógico realizado com as crianças.



Confraternização com as crianças da Creche Padre Geraldo.

A entrevista que nos concedeu em 2020, aos 91 anos, foi um momento de reflexão, diálogo, experiência e de oportunidade de conhecermos um pouco de sua trajetória e história de vida. Naquele momento a professora relatou agradecer a Deus e a todos aqueles que a ajudaram no bom funcionamento da creche, diretamente ou indiretamente, pois, com a boa vontade de todos, fizeram um bem enorme às crianças de Solânea.

A Creche Padre Geraldo ainda está em funcionamento como instituição filantrópica e atualmente recebe alguma ajuda do gestor público do município. Devido aos seus problemas de saúde, Josefa Edite

teve que deixar a creche no ano de 2015, uma saída difícil e dolorosa, mas com o sentimento de dever cumprido.



A Creche Padre Geraldo nos dias atuais – Fevereiro/2020

Tendo vivido até seus últimos dias em sua residência na cidade de Solânea-PB, cercada por mimos de filhos, filhas, netos e netas, bisnetos e bisnetas, genros e noras, amigos, amigas, além da vizinhança e da população da cidade, na ocasião da pesquisa, em fevereiro de 2020, ela ainda costurava, ia à igreja e dialogava com todos que se aproximavam dela, com lucidez e sempre muito amável.

Em poucas palavras, concluindo nossa entrevista, disse:

sou uma mulher muito feliz, tenho 24 netos e 15 bisnetos, formando assim uma família linda e agraciada por Deus, sou viúva há 12 anos, e agradeço a Deus por tudo que passei junto com a minha família e meus amigos. Agradeço também por meus 91 anos, me considero uma pessoa abençoada e felizarda, por tudo só tenho a agradecer a Deus” (JOSEFA EDITE, 02/2020).

A professora Josefa Edite foi uma nobre e rara pessoa que tinha a generosidade de apontar caminhos para os outros. Sua luta era de muita luz, e com essa luz desejamos que cada docente seja guiado na organização de sua vida e de seu caminho profissional.

2

**A EXPERIÊNCIA DE
UM PROJETO DE
FORMAÇÃO DOCENTE
NO CONTEXTO
DA CRECHE**

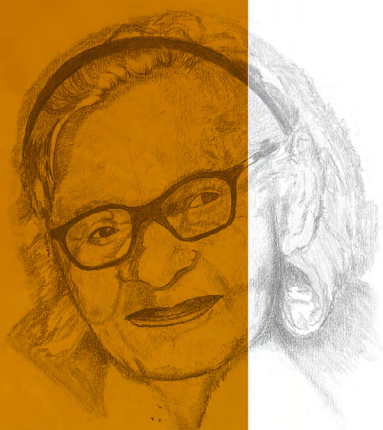
O projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* foi desenvolvido por um período de três anos consecutivos (2011 a 2013) na Creche Padre Geraldo, no município de Solânea-PB. O referido projeto nasceu de uma experiência vivida na disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia – CCHSA/UEPB, que evidenciou a necessidade urgente de capacitação dos/as professores/as no sentido de (re)conhecimento de sua função social na instituição e principalmente na construção/formação do sujeito cidadão.

Apesar de as definições legais da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96) exigirem que todos os professores de educação infantil tenham formação específica e em nível superior, há de se considerar que essa é apenas uma conquista legal ainda não efetivada no chão de muitas creches e pré-escolas deste país. É o caso da referida creche, pois a maioria das profissionais que lá trabalhavam no período do desenvolvimento do projeto era leiga. Evidentemente muitos foram os aprendizados e desafios.

A Creche Padre Geraldo encontra-se localizada na Rua Leônicio Costa, 80, no município de Solânea/PB. Fundada em abril de 1991 e registrada oficialmente em 2003, de cunho filantrópico, ela foi criada pela Igreja Católica e por voluntários da comunidade.

A instituição atendeu e continua atendendo, anualmente, mais de 50 crianças de 3 a 5 anos de idade, em período integral, de segunda a sexta, funcionando das 07h às 17h.

Para o desenvolvimento de suas atividades, a creche contava apenas com duas professoras com formação no magistério na modalidade normal (antigo 2º grau, atual ensino médio), o trabalho voluntário de uma coordenadora competente, dedicada e muito comprometida, professora primária aposentada - Josefa Edite, uma cozinheira por turno e duas auxiliares de serviços gerais.





Profissionais da Creche Padre Geraldo – dezembro de 2012

A creche funcionava, e ainda funciona, em um prédio da igreja, um espaço improvisado, bastante pequeno e sem nenhuma estrutura física para o atendimento de crianças. Os únicos ambientes que elas dispõem são: uma sala de aula, uma pequena sala de TV, um refeitório e cinco banheiros. Portanto, muitos são os ambientes essenciais que inexistem na instituição, como área livre para brincadeiras, biblioteca, brinquedoteca, dormitório etc.

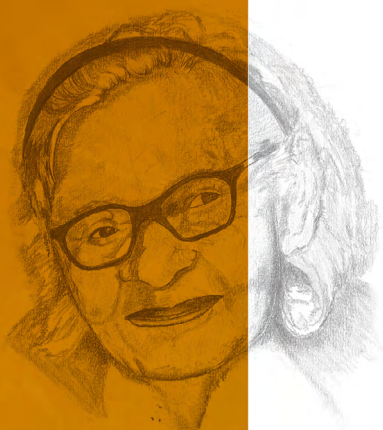
A instituição não é só desprovida de espaço físico adequado, mas também de recursos materiais e humanos, pois não conta com jogos pedagógicos, brinquedos, parque infantil e muito menos com profissionais qualificados e em quantidade suficiente para a demanda de trabalho.

Tudo que acontece na creche ocorre devido à boa vontade e ao compromisso das pessoas que lá se encontram. É evidente que, sem o mínimo de condição para a realização de um trabalho pedagógico/educativo, muita coisa fica a desejar e deixa de acontecer, apesar do desejo dos que ousaram e ousam lutar para transformar aquela realidade.

Então, diante dessa realidade, o projeto teve como objetivo geral aperfeiçoar os conhecimentos já adquiridos e capacitar as professoras da Creche Padre Geraldo em áreas específicas de atuação: pedagógicas, educativa e social, visando ainda:

- introduzir no trabalho diário das professoras o uso de metodologias e recursos didáticos adequados à creche;
- demonstrar às professoras a necessidade de realizar uma prática pedagógica na creche;
- trabalhar pela inserção de uma epistemologia da prática educativa que possa ultrapassar as fronteiras da instituição e contemplar novos espaços;
- desenvolver uma prática educativa com as professoras da creche.

Tendo em vista os objetivos propostos, o projeto se dispôs a realizar inúmeras atividades que realmente colaborassem para a transformação da realidade apresentada. Inicialmente o grupo (coordenadora, bolsista e colaboradores/as do projeto de extensão) se reuniu e definiu o trabalho da seguinte maneira: encontro de estudo (textos escolhidos com antecedência, leitura prévia, debate e discussão); planejamento (pensar coletivamente o que fazer e como fazer); e oficinas pedagógicas (com as profissionais e as crianças). No decorrer deste texto, descreveremos as atividades advindas do projeto na Creche Padre Geraldo.



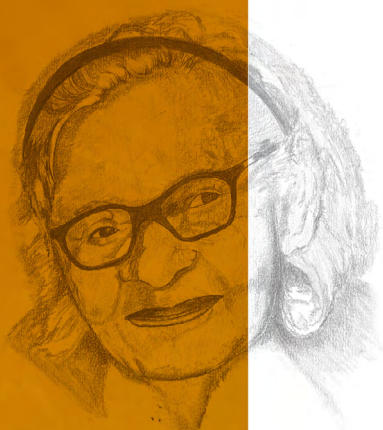
ENCONTRO DE ESTUDO: UM CAMINHO PARA A REFLEXÃO E A AÇÃO

O grupo do referido projeto de extensão constituía-se de onze pessoas (coordenação, uma bolsista e nove colaboradoras/es) que se reuniam semanalmente para estudo, debate e discussão de textos que contribuíssem teoricamente com os fazeres na creche.

Aqui lembramos Paulo Freire (1996), quando ele diz que nenhuma prática pode ser desprovida de uma teoria e vice-versa. Toda prática requer um conhecimento fundante daquilo que se realiza ou se deseja realizar, seja para confirmar, modificar ou ampliar a ação. Isso indica a importância da relação teoria/prática no sentido de que uma é alimento para outra, quando se evita os discursos vazios, distantes da realidade, ao mesmo tempo que as ações não ocorrem no acaso, mas ambas têm uma razão de ser.

Essa foi uma das primeiras experiências que o grupo viveu: deparar-se com a creche e todas as suas necessidades. Como entender nos dias de hoje a ausência do Estado frente a serviços essenciais como a educação de crianças pequenas? Por que muitas creches no Brasil, mesmo nos dias de hoje, são de cunho filantrópico? Como, em pleno século XXI, as instituições de educação infantil, especialmente as creches, ainda assumem um caráter muito mais assistencialista que propriamente pedagógico/educativo? Só a leitura ajudou a entender. Através dos textos de Costa (2010), Kuhlmann (1998), Kramer (2005) e outros teóricos, vimos que o descaso com a infância brasileira data de longas eras. O próprio RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) reconhece que:

O atendimento institucional à criança pequena, no Brasil e no mundo, apresenta ao longo de sua história concepções bastante divergentes sobre sua finalidade social. Grande parte dessas instituições nasceram com o objetivo de atender exclusivamen-



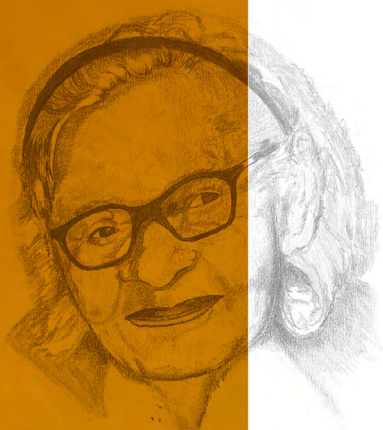
te as crianças de baixa renda. [...] Constituir-se em um equipamento só para pobres, principalmente no caso das instituições de educação infantil, financiadas ou mantidas pelo poder público, significou em muitas situações atuar de forma compensatória para sanar as supostas faltas e carências das crianças e de suas famílias. [...] Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas (BRASIL, 2001, p. 17).

As respostas para muitas questões apresentadas e a compreensão dos fatos vividos hoje é uma das contribuições que a teoria traz. Evidentemente que ela (teoria) não responde a todas as perguntas, muitas vezes surgem mais questionamentos do que soluções. Mas não se pode negar que o conhecimento é uma alavanca propulsora nos processos de mudança que se deseja construir. E foi percorrendo o caminho da relação teoria/prática que tentamos desenvolver nossas ações com a Creche Padre Geraldo.

Muitos estudos foram feitos durante todo o período do projeto, e constituímos, de fato, um verdadeiro grupo de estudos, e o mais interessante: as necessidades e a realidade da creche, além das limitações do próprio grupo extensionista, foram o grande norte para a escolha das leituras.

PLANEJAMENTO: PENSANDO O QUE FAZER E COMO FAZER

A realidade da creche exigiu de nós uma maior organização e planejamento das atividades a serem realizadas. O encontro de estudos não foi suficiente para dar conta das discussões e ao mesmo



tempo se pensar as ações. Então, criamos um momento só para planejarmos o que fazer e como fazer. A opção pela oficina pedagógica e pelos temas a serem trabalhados com as profissionais e as crianças foi fruto desse momento de planejamento. O planejamento das atividades foi muito importante não só para programar e organizar as ações, mas principalmente como momento de pesquisa, reflexão e projeto de concretização das ideias discutidas no encontro de estudos, sem falar do exercício de trabalho coletivo que desenvolvemos enquanto grupo na busca de concretização dos objetivos propostos pelo projeto. Nesse sentido, Libâneo coloca-se muito bem, quando diz:

O planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações, se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade (1994, p. 222).

O ato de planejar, então, ajudou no desenvolvimento de atividades mais conscientes, conseguimos fazer referência às situações concretas que envolvem a problemática social, econômica, política e cultural da creche no seu contexto mais amplo – comunidade local, gestão municipal da cidade de Solânea-PB, legislações e documentos oficiais do MEC (Ministério de Educação e Cultural), como: Política Nacional de Educação Infantil, Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil e outros.

Dessa forma, o planejamento assegurou um trabalho efetivo à população da creche, tanto as profissionais como as crianças foram contempladas com um trabalho excelente que possibilitou o desenvolvimento das capacidades intelectuais, emocionais e afetivas de todas as pessoas envolvidas, inclusive do próprio grupo extensionista.



3

**OFICINAS
PEDAGÓGICAS:**
um processo de
educação e formação
participante

As oficinas realizadas com as profissionais da creche ocorreram de forma sistemática, uma por mês durante todo o período de desenvolvimento do projeto (2011 a 2013), e os temas abordados buscavam atender suas necessidades formativas. O tema inicial foi proposto pela coordenadora da instituição, o que ocorreu apenas nessa única vez, já que, na convivência mensal com as profissionais, os temas passaram a ser escolhidos e sugeridos por elas.

Ouvir o que as professoras têm a dizer sobre as necessidades de sua formação é uma das sugestões de Giroux (1998). Apontar o papel protagonista do/a professor/a pressupõe dar voz aos sujeitos do fazer docente, reconhecendo-os como intelectualmente hábeis e competentes para analisar a realidade, tomar decisões e criar alternativas de ação político-pedagógica.

Daí a opção em trabalhar com oficinas pedagógicas. Sabe-se que as oficinas, como alternativa didática, possibilitam um processo de educação participante que busca conhecer, compreender e transformar situações de vida e de educação por meio da reflexão e do pensar criticamente a realidade (MUTSCHELE & GONSALES FILHO, 1996).

Essa técnica permite uma ação pedagógica coerente com o contexto em que se desenvolve, motivando a aprendizagem por meio do questionamento, da sensibilização e do compromisso. Possibilita também que o saber seja construído coletivamente, respeitando-se a diversidade dos sujeitos envolvidos, pelo confronto e intercâmbio das experiências e vivências, pela análise da realidade como participante ativo e incentivando-se o conscientizar e o agir. Logo, no decorrer deste texto, descreveremos as experiências e vivências de alguns desses momentos.



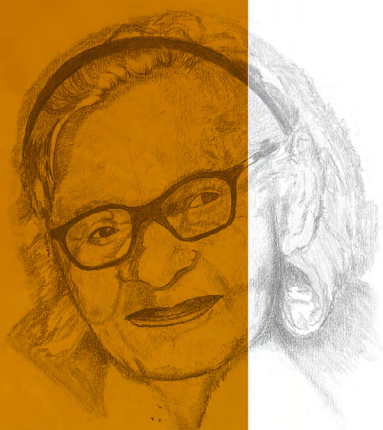
OFICINA I – RELAÇÕES HUMANAS E AUTOESTIMA

Iniciamos os trabalhos de formação com um tema bastante instigante para todos nós e que, como já relatado, foi sugerido pela coordenadora da creche: *Relações humanas e autoestima*. Buscamos sensibilizar as professoras e demais profissionais para a importância de uma imagem positiva de si mesmas e conseqüentemente dos que as rodeiam. A autoestima no ser humano é indispensável para que suas ações no dia a dia sejam mais seguras e produtivas.

O professor, desde a educação infantil até a universitária, representa um dos elementos-chave na formação e no desenvolvimento de gerações mais abertas, livres, seguras, competentes e, sobretudo, mais felizes e eficientes em suas vivências e resultados. Sua influência não se limita à formação acadêmica, pois intervém de forma direta e determinante na formação do caráter e da personalidade da criança e, conseqüentemente, do futuro adulto.

No trabalho docente, portanto, não está presente apenas o caráter acadêmico e de transmissão de conhecimentos, mas algo muito mais profundo, que envolve a responsabilidade de contribuir na formação das pessoas, e quando essa pessoa é a criança o compromisso é ainda maior. O trabalho, então, com crianças pequenas, exige um/a professor/a dotado/a de muitas competências e habilidades, entre tantas a de saber gostar de si mesmo/a, ou seja, um/a profissional que, além do domínio técnico-científico, busque constantemente construir uma elevada autoestima.

Inicialmente realizamos uma calorosa acolhida com um cartão de boas-vindas às profissionais da creche. Logo após a apresentação do grupo do projeto e do trabalho proposto para a primeira oficina, fizemos uma breve e empolgante harmonização ao som da



música *O que é, o que é*, do compositor e cantor Gonzaguinha, cantando e dançando em forma de caracol.

Depois realizamos a dinâmica de apresentação *Quem é você? Eu sou...* e pedimos que as participantes escrevessem seu nome, bem bonito, no centro de uma folha de papel ofício entregue a elas, e, ao redor do nome, desenhassem aquilo que as identificasse ou o que mais gostassem. Ao apresentar não apenas o nome para o grande grupo, mas a pessoa que cada uma é, pela subjetividade através dos desenhos, com seus sonhos, alegrias, tristezas etc., isso possibilitou um grande debate em torno da luta diária que cada pessoa precisa travar em prol de suas realizações. Foi lindo, as profissionais viram que essa batalha é pessoal e intransferível.



Professora e alunos do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem.

Em seguida, propusemos outra dinâmica - *Descobrimo Você* – em que cada pessoa se aproximou de outra, ou seja, ficaram em dupla, e cada uma disse pra outra o que ela demonstra/inspira (seguran-

ça, beleza, bondade, afetividade, garra, força...). Esse momento inicial foi a dois, depois foi socializado para todos/as os/as participantes da oficina. Muitas ficaram emocionadas e ao mesmo tempo felizes, pois alguém se aproximou para dizer-lhes palavras de incentivo e de reconhecimento da pessoa que cada um/a demonstra ser.

Para subsidiar o grupo teoricamente, entregamos um pequeno texto – *Educar bem: a construção da autoestima*. A leitura aconteceu primeiro em pequenos grupos, seguida de debate e discussão no grande grupo e foram muitas as descobertas e aprendizado para as profissionais da creche, na medida em que viram que existem estudos que tratam de um assunto importantíssimo para a vida humana: gostar de si, cuidar-se, autoconfiança.

Encerramos a oficina numa grande roda, cantando a música *Traduzir-se*, que é uma poesia de Ferreira Gullar, na voz do cantor Fagner.

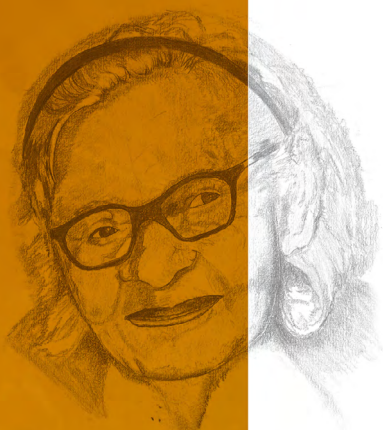
TRADUZIR-SE

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte



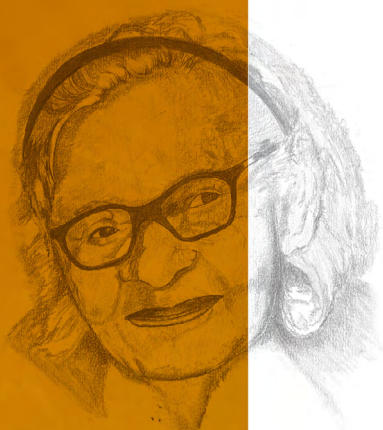
se espanta.
Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
De vida ou morte –
será arte?

Por fim, avaliamos o encontro e cada participante fez sua apreciação em uma palavra (aprendizagem, esperança, descoberta, entusiasmo...), expressões que alimentam nossa esperança e evidenciam que a autoestima das professoras repercute significativamente na sua prática docente. Quanto mais bem resolvida consigo mesma, melhores serão as relações desenvolvidas com as crianças.

Essa experiência sinaliza que as professoras não são apenas transmissoras ou receptoras de saberes produzidos por outros, pois a educação como prática pedagógica, social e histórica está diretamente articulada à vida objetiva e subjetiva dos sujeitos envolvidos na referida prática. Portanto, essa experiência destaca a importância da reflexão teórica e prática na formação docente, bem como o debate sobre a identidade profissional dessas atrizes sociais e o desenvolvimento emancipatório das crianças.



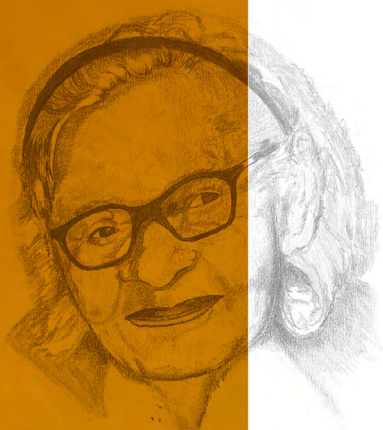
OFICINA II – RELAÇÕES HUMANAS E AFETIVIDADE

Nessa oficina, como nas demais, sempre tivemos o cuidado de iniciar os trabalhos fazendo uma acolhida calorosa com um cartão de boas-vindas às profissionais da creche. Apresentamos a proposta de trabalho para aquele dia, em seguida convidamos todas as pessoas a participarem da dinâmica de grupo *Amor e vida*, os/as participantes foram orientados/as a ficar em dupla, de frente um/a para o/a outro/a, formando dois círculos, um dentro e o outro fora, quem ficou no círculo de fora recebeu o nome de “Amor” e quem ficou no círculo de dentro recebeu o nome de “Vida”.

E assim começamos a ler frases com a proposta de que os comandos fossem realizados. Na execução dos comandos dados, observamos os sentimentos de afeto (toque, delicadeza, respeito, carinho) demonstrados/expressados pelos/as profissionais durante a dinâmica.

Após a dinâmica, propusemos o momento de partilha da vivência no grande grupo. Foi impressionante o que ouvimos! Uma profissional disse que, através da dinâmica, tinha descoberto realmente que o “amor” e a “vida” são as coisas mais importantes do mundo; outra disse que em toda a sua vida nunca tinha sido tratada com tanta delicadeza e chamada de “amor”. Muitos foram os depoimentos que trouxeram à tona histórias de vida desprovidas de afeto. Então, perguntamos: como desenvolver relações afetivas com as crianças quando as profissionais desconhecem essa prática? Que saberes são necessários na prática docente de educação infantil?

Muitos estudiosos da educação atestam que a prática educativa exige do/a docente muitos saberes, desde o domínio do conhecimento ensinado/compartilhado, a forma/didática como veicula/



transmite esse conhecimento e a maneira como se relaciona com os sujeitos aprendentes. E quando estes são crianças, a atenção e o cuidado nas relações estabelecidas precisam ser mais bem conduzidos. Isso não significa dizer que se desconsidere o zelo no desenvolvimento das relações com os/as educandos/as de diferentes idades. Em todo processo de ensino e aprendizagem faz-se necessária a construção de relações essencialmente humanas, baseadas em princípios éticos, estéticos e afetivos. Então, a afetividade, hoje, é um dos elementos essenciais na prática educativa de todas as pessoas, especialmente de crianças pequenas – ser em desenvolvimento, alicerce para a construção dos melhores sentimentos humanos, entre eles o respeito, o diálogo, a solidariedade e o afeto.

Assim, propusemos outra dinâmica – *Eu te ofereço flores*. Em círculo, um/a dos/as participantes recebeu uma rosa perfumada e junto com ela a incumbência de oferecer à pessoa que estava ao seu lado algo de muito bom. A rosa foi passada de mão em mão e os desejos oferecidos foram os mais belos que o coração humano pode ouvir (eu te ofereço amizade, eu te ofereço paz, eu te ofereço amor).

Para fechar esse momento, o grupo todo (extensionistas e profissionais da creche) ofereceu a rosa carregada de bons desejos à creche. A reflexão que ficou foi: enquanto ser social que somos, precisamos e devemos construir relações humanas mais saudáveis, prazerosas e, por que não dizer, afetuosas.

Então, para fundamentar melhor esse discurso, realizamos uma leitura coletiva compartilhada do texto *O poder do afeto*. Após esse momento, cada participante expressou seu entendimento em relação ao texto lido. Essa experiência foi fascinante, descobrimos o potencial escondido/adormecido das profissionais - a capacidade de diálogo com o texto, o posicionamento frente às ideias apresentadas e, ao mesmo tempo, a confirmação da importância da formação continuada



pela oportunidade que se tem de trabalhar os interesses e necessidades específicas de cada grupo.

Para aprofundar e ampliar mais as ideias do tema em questão, foi proposta a construção de um grande painel com gravuras recortadas de revistas e jornais (usados) que expressassem afeto, alegria, gentileza etc. Cada pessoa pegou uma gravura de seu interesse e colou-a no painel (feito de papel reciclado), que ficou em exposição durante todo o mês. A construção e a exposição do painel, denominado de *Nossos afetos*, tiveram também o intuito de conhecer mais de perto um pouco da subjetividade de cada profissional e valorizar/trabalhar sentimentos muitas vezes escondidos, que, em muitos casos, tanto impedem o crescimento individual como o crescimento coletivo. Isso foi confirmado na fala de uma professora:

Nunca fui tratada com muito carinho, aliás nem sei o que é isso, apanhei muito quando criança e desde pequena tive que trabalhar para ajudar meus pais. [...] Não consigo abraçar e acariciar outras pessoas com facilidade, não é à toa que nunca tive um namorado e poucas, poucas mesmo são as minhas amigas, não quero saber da vida de ninguém, gosto de ficar sozinha no meu canto, mas também tem uma coisa, não mexam comigo, porque senão viro fera, sai da frente. [...]. Agora, com esse trabalho de vocês aqui na creche é que estou vendo que esse meu jeito não é bom nem pra mim mesma, as minhas colegas não gostam de mim. Vou ver o que posso fazer pra melhorar... (Registro dos depoimentos no dia da Oficina em 20/08/2011, na Creche Padre Geraldo).

É importante registrar que uma temática desse porte é muito delicada em ser abordada, requer muito cuidado do/a ministrante, não só no uso das palavras e mediações das falas dos/as participantes, mas principalmente na conduta ética, no sentido de evitar especialmente os juízos de valor. Essa foi uma das questões colocadas logo no início das atividades e tem funcionado bem. O grupo sente-se



respeitado e sabe que o objetivo maior é a realização de um trabalho mais consciente com as crianças da creche.

Concluindo os trabalhos do dia, apresentamos, em slides, uma poesia belíssima - *Almas perfumadas*, conclamando cada um/a a ser uma pessoa melhor. Nesse momento, dispensamos as falas e os comentários, o texto por si só já diz tudo. Vejamos:

Tem gente que tem cheiro de passarinho quando canta. De sol quando acorda. De flor quando ri. Ao lado delas, a gente se sente no balanço de uma rede que dança gostoso numa tarde grande, sem relógio e sem agenda. Ao lado delas, a gente se sente comendo pipoca na praça. Lambuzando o queixo de sorvete. Melando os dedos com algodão doce da cor mais doce que tem pra escolher. O tempo é outro. E a vida fica com a cara que ela tem de verdade, mas que a gente desaprende de ver.

Tem gente que tem cheiro de colo de Deus. De banho de mar quando a água é quente e o céu é azul. Ao lado delas, a gente sabe que os anjos existem e que alguns são invisíveis. Ao lado delas, a gente se sente chegando em casa e trocando o salto pelo chinelo. Sonhando a maior tolice do mundo com o gozo de quem não liga pra isso. Ao lado delas, pode ser abril, mas parece manhã de Natal do tempo em que a gente acordava e encontrava o presente do Papai Noel.

Tem gente que tem cheiro das estrelas que Deus acendeu no céu e daquelas que conseguimos acender na Terra. Ao lado delas, a gente não acha que o amor é possível, a gente tem certeza. Ao lado delas, a gente se sente visitando um lugar feito de alegria. Recebendo um buquê de carinhos. Abraçando um filhote de urso panda. Tocando com os olhos os olhos da paz. Ao lado delas, saboreamos a delícia do toque suave que sua presença sopra no nosso coração.

Tem gente que tem cheiro de cafuné sem pressa. Do brinquedo que a gente não largava. Do acalanto que o silêncio canta. De passeio no jardim. Ao lado delas, a gente percebe que a sensualidade é um perfume que vem de dentro e que a atração que realmente nos move não passa só pelo corpo. Corre em outras veias. Pulsa em outro lugar. Ao lado delas, a gente lembra que



no instante em que rimos Deus está dançando conosco de rosinho colado. E a gente ri grande que nem menino arteiro.

Costumo dizer que algumas almas são perfumadas, porque acredito que os sentimentos também têm cheiro e tocam todas as coisas com os seus dedos de energia. Minha avó era alguém assim. Ela perfumou muitas vidas com sua luz e suas cores. A minha, foi uma delas. E o perfume era tão gostoso, tão branco, tão delicado, que ela mudou de frasco, mas ele continua vivo no coração de tudo o que ela amou. E tudo o que eu amar vai encontrar, de alguma forma, os vestígios desse perfume de Deus, que, numa temporada, se vestiu de Edith, para me falar de amor.

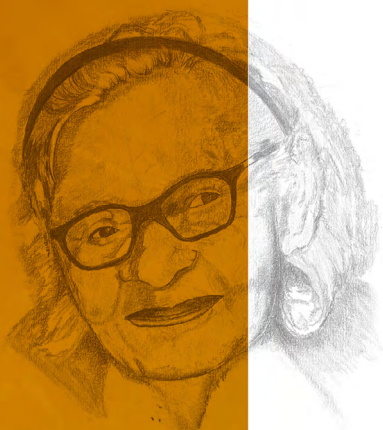
(Ana Cláudia Saldanha Jácomo)

Nesse dia, encerramos as atividades emudecidos/as, com o sentimento de que precisamos aprender a ser gente muito melhor e que a competência técnico-científica e o rigor de que o/a professor/a não deve abrir mão no desenvolvimento de seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas.

OFICINA III – CONSTRUÇÃO DO TRABALHO COLETIVO NA CRECHE

Numa estrutura de sociedade como a nossa: desigual, excludente, opressora, individualista e competitiva, muitas vezes torna-se difícil pensar, quanto mais falar de trabalho coletivo em instituições educativas. No entanto, isso não significa dizer da impossibilidade de sua concretização. Foi acreditando nessa máxima que acolhemos a sugestão do tema e nos lançamos ao trabalho dessa temática.

Temos acompanhado muito de perto os avanços, o crescimento, as mudanças e transformações em todas as dimensões e segmentos da creche, evidentemente, também os ranços que ainda persistem,



embora sabendo e reconhecendo que tudo nessa vida é processo, requer tempo, paciência, luta e esperança. Munidos/as de esperança por uma prática pedagógica cada vez melhor, iniciamos as atividades com a dinâmica *O reino das cores*.

Havia um reino muito distante e bem colorido. Ele era dividido em quatro territórios separados. O azul. O amarelo. O verde. O vermelho.

O território azul era bem alegre. As pessoas que lá moravam eram muito animadas. Adoravam bater os pés no chão, esticar as mãos para cima e fazer festas. Sua bandeira era da alegria e seu grito de guerra era ê ê ê ê ê ê!

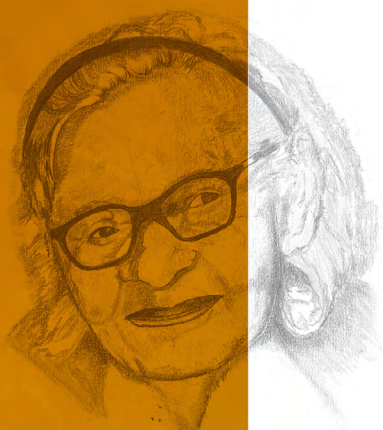
Já o território vermelho, além de quente, devido à sua cor, era o território do amor. As pessoas que lá moravam eram muito afetuosas. Adoravam fazer cafunés nos vizinhos, ficar de mãos dadas, abraçar e até dar beijinhos. Sua bandeira era do coração e seu grito de guerra era ah!

O território verde era ligado à natureza. As pessoas que moravam lá gostavam de subir em árvores, balançar nos galhos, caminhar pela relva, brincar de imitar animais como o cachorro, o galo, o boi, o gato e até os pulinhos do coelho. Sua bandeira era da ecologia e seu grito de guerra era oh!

Faltava então o território amarelo, da cor do sol, este reino era só energia. E ela vinha do corpo. As pessoas que lá moravam eram energéticas, energizadas. Adoravam trabalhar com a mente e o corpo, gostavam de mexer o corpo, bater palmas, meditar e até passar energia para todos os outros territórios. Sua bandeira era da energia e seu grito de guerra era rá!

Um dia o rei organizou um grande encontro e propôs que os territórios se misturassem, pois cada um iria ter a oportunidade de trocar conhecimentos e fazer novas amizades.

E assim aconteceu. O azul foi correndo encontrar o verde, e o amarelo foi ao encontro do vermelho. Cada um procurava dar a mão para alguém, pois assim sentiam-se protegidos. Depois de um tempinho, olha que rebuliço! O azul foi encontrar com o amarelo, e o verde, com o vermelho.



Que legal! Logo, uma nova troca, o azul dessa vez foi ao encontro do vermelho, e o amarelo, ao verde. Com tanta alegria do azul, amor do vermelho, sabedoria do verde e a energia do amarelo, as pessoas não sentiam o tempo passar. E o rei, observando tudo que acontecia ao seu redor, emocionou-se, pois percebeu a alegria no rosto das pessoas. Então propôs que todos os territórios se unissem em um só, que, daquele dia em diante, ficou conhecido como *O Reino das Cores*.



Profissionais da creche Padre Geraldo participando de uma atividade do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância*.

Aproveitamos o entusiasmo e a alegria do grupo para refletirmos um pouco sobre a mensagem que a dinâmica nos deixa. Muita coisa interessante foi dita: “solidão não é bom pra ninguém; juntos/as somos mais fortes; não se vai longe sozinho/a; podemos unir forças; todas as cores juntas pareciam o arco-íris; muitas vezes preciso ir ao encontro do outro...”. Fizemos uso de todas essas falas e tentamos mostrar que no dia a dia não enxergamos as coisas bem assim, como foram ditas. Geralmente as nossas ações não condizem com

a função e o lugar que trabalhamos: instituição de educação infantil. Quanta responsabilidade! Tal como o rei, fizemos o convite para, a partir daquele momento, cada um/a fazer a sua parte em prol da construção do trabalho coletivo/colaborativo na creche.

Continuamos provocando o grupo a pensar/fazer/desenvolver a proposta citada. Entregamos um texto a todos/as os/as participantes, fizemos a leitura coletiva compartilhada e, mais uma vez, pedimos a cada pessoa ali presente que refletisse sobre seus limites e facilidades para trabalhar em equipe. Eis o texto:

O sentido dos gansos

No outono, quando se veem bandos de gansos voando rumo ao sul, formando um grande “V” no céu, indaga-se o que a ciência já descobriu sobre o porquê de voarem desta forma.

Sabe-se que quando cada ave bate as asas, move o ar para cima, ajudando a sustentar a ave imediatamente de trás.

Ao voar em “V”, o bando se beneficia de pelo menos 71% a mais de força de voo do que voando sozinho.

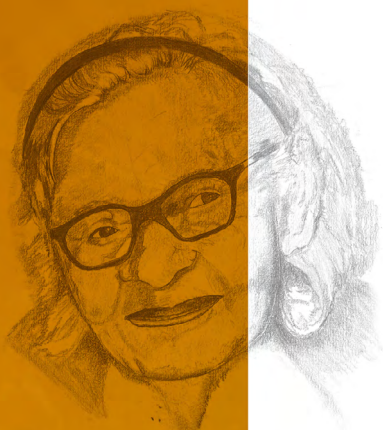
Pessoas que têm a mesma direção e sentido de comunidade podem atingir seus objetivos de forma mais rápida e fácil, pois viajam beneficiando-se de um impulso mútuo.

Sempre que um ganso sai do bando, sente subitamente diminuir sua resistência e a consequente necessidade de esforço adicional para continuar voando sozinho.

Rapidamente, ele entra outra vez em formação para aproveitar o deslocamento de ar provocado pela ave que voa imediatamente à sua frente.

Se tivéssemos o mesmo sentido dos gansos, manter-nos-íamos em formação com os que apontam o caminho para onde também desejamos seguir.

Quando o ganso líder se cansa, ele muda de posição dentro da formação e outro ganso assume a liderança.



Vale a pena nos revezarmos em tarefas difíceis, e isto serve tanto para as pessoas quanto para os gansos que voam rumo ao sul.

Os gansos de trás gritam, encorajando os da frente para que mantenham a velocidade. Que mensagem passamos quando gritamos de trás?

Finalmente, quando um ganso fica doente ou é ferido por um tiro e cai, dois gansos saem da formação e o acompanham para ajudá-lo e protegê-lo.

Ficam com ele até que consiga voar novamente ou até que morra. Só então levantam voo, sozinhos ou em outra formação, a fim de alcançar seu bando.

Se tivéssemos o sentido dos gansos, também ficaríamos um ao lado do outro assim.

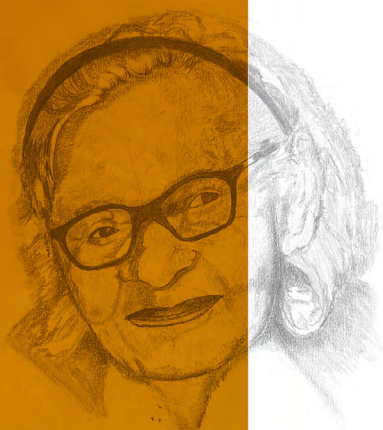


Voluntário do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo interagindo acerca do texto lido.

Reforçando a discussão e a reflexão sobre a importância e a necessidade do trabalho em equipe, utilizamos a poesia de Madalena Freire:

EU NÃO SOU VOCÊ, VOCÊ NÃO É EU

Eu não sou você
Você não é eu
Mas sei muito de mim
Vivendo com você.
E você, sabe muito de você vivendo comigo?
Eu não sou você
Você não é eu.
Mas encontrei comigo e me vi
Enquanto olhava pra você
Na sua, minha, insegurança
Na sua, minha, desconfiança
Na sua, minha, competição
Na sua, minha, birra infantil
Na sua, minha, omissão
Na sua, minha, firmeza
Na sua, minha, impaciência
Na sua, minha, prepotência
Na sua, minha, fragilidade doce
Na sua, minha, mudez aterrorizada
E você se encontrou e se viu, enquanto olhava pra mim?
Eu não sou você
Você não é eu.
Mas foi vivendo minha solidão que conversei
Com você, e você conversou comigo na sua solidão
Ou fugiu dela, de mim e de você?
Eu não sou você
Você não é eu
Mas sou mais eu, quando consigo
Lhe ver, porque você me reflete
No que eu ainda sou
No que já sou e
No que quero vir a ser...
Eu não sou você
Você não é eu
Mas somos um grupo, enquanto
Somos capazes de, diferenciadamente,
Eu ser eu, vivendo com você e
Você ser você, vivendo comigo.



Após a leitura da poesia, pedimos que cada pessoa escrevesse em um pedaço de papel o seu desejo/compromisso com a construção do trabalho coletivo na creche e o colasse no quadro.



Profissional da Creche Padre Geraldo participando de atividade do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância*.

OFICINA IV – A FUNÇÃO SOCIAL DA PROFESSORA DE CRECHE: EDUCAR E CUIDAR

Esse é um tema emergente que diz justamente da necessidade de (re)conhecer que educar e cuidar na creche é a função social da educação infantil atualmente, já que historicamente o atendimento às crianças pequenas, em instituições públicas, privadas e filantrópicas, esteve, em sua maioria, marcado por práticas assistenciais de guarda e custódia.

Hoje, percebemos que a realidade vivenciada nas creches e pré-escolas ainda se apresenta marcada pelas ações desenvolvidas historicamente nessas instituições, embora reconhecendo que existam esforços que apontam mudanças. No que diz respeito à unificação de práticas de cuidado e educação, é comum percebermos ainda ações de proteção, assistência e guarda direcionadas às crianças pequenas nas creches, enquanto é notória a experimentação de uma pré-escolarização “precoce” firmada nos objetivos apenas do letramento/alfabetização e na “matemática do saber contar”, presentes fortemente em turmas de pré-escolas.

Nesse sentido, buscamos refletir acerca da relação entre cuidado e educação, enquanto ação indissociável, necessária e possível de ser vivida com as crianças pequenas. Na tentativa de um encorajamento e na busca de novos olhares, possibilidades e sonhos, em prol de possíveis mudanças de comportamento, de atitudes e de posturas, tão necessárias em um mundo desprovido de zelo, atenção e cuidado com todos os seres vivos deste planeta. Daí recorreremos à poesia de Cora Coralina para o início das atividades e uma maior sensibilização do grupo.

NÃO SEI

Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que acaricia,
desejo que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.



É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
Mas que seja intensa, verdadeira, pura...
Enquanto durar.

Após a leitura da poesia (várias vezes e de diversas formas – pausadamente, individual, coletiva), propusemos ao grupo a socialização dos sentimentos e entendimentos extraídos dela e de suas próprias experiências. A maioria dos/as participantes revelou que a poesia a fez lembrar fatos de sua infância, quando se sentiam cuidados e protegidos por seus pais. Todos/as disseram que na vida adulta isso pouco ocorreu/ocorre, pois, pelo contrário, muitas vezes sentem-se perseguidos, julgados e prejudicados pelas pessoas mais próximas. Outros/as destacaram que cuidam mais dos outros do que são cuidados/as.

Aproveitamos essas falas e tentamos ampliar a visão que temos e fazemos sobre a dimensão do cuidado. Numa sociedade de mercado como a nossa, estruturada em torno da produção da mercadoria, não da reprodução da vida, o cuidar restringe-se à família, estendendo-se, ao máximo, aos membros mais próximos de uma comunidade. Desobrigado de responsabilidades sociais, políticas e ambientais, o cuidado foi privatizado, vinculado a circunstâncias particulares, ofuscando a necessidade de um compromisso de cuidar de todos, do conjunto dos seres humanos e não humanos, enfim, de tudo que compõe a biosfera. Na expressão de Boff:

Cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. [...] Significa uma forma de existir e de coexistir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa coexistência e com vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua própria consciência e sua identidade (1999, p. 34).

Tentando provocar o grupo ainda mais, nesse processo de pensar-sentir-fazer, sugerimos uma breve dinâmica de relaxamento: em dupla, um teria que cuidar do/a outro/a, através de massagens no pescoço e membros superiores, por alguns instantes.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo em uma dinâmica de relaxamento.

As opiniões foram unânimes quanto ao prazer de se sentir sendo cuidado/a. Algumas falas interessantes foram ditas por muitos/as, como: “me senti mais leve”; “não me senti só”; “gostei de ser cuidado/a”; “o cansaço foi embora”. Falas como essas levam-nos à necessidade de estabelecer laços mais estreitos entre estudos sobre educação e cuidado e também a investigar e questionar as bases de uma cosmovisão que nos impõe divórcios e modela as relações e os espaços educacionais.

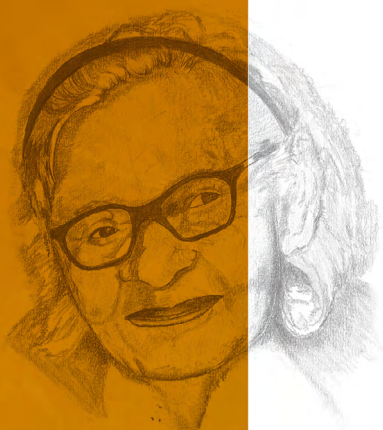
Então, para uma maior reflexão sobre a temática em questão, convidamos os/as participantes a organizarem-se em dois grupos equivalentes e prepararem uma pequena dramatização que demons-

trasse práticas cotidianas de cuidado e educação na creche. Um grupo encenava apenas práticas de cuidado e o outro só práticas de educação. O resultado dessa estratégia foi excelente: todas as pessoas conseguiram compreender que não podemos/devemos separar uma prática da outra, pois quando isso ocorre quem perde são as crianças.

Assim sendo, fizemos uma leitura das páginas iniciais do volume I do RCNEI, que trata da concepção de educação e cuidado. O documento diz que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Nesse processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 2001, p. 23). Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos [...] precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde (BRASIL, 2001, p. 24-25)

Nesse sentido, vimos que o cuidado no contexto das práticas vividas nas instituições de educação infantil é parte integrante da educação. Essa condição de unidade entre o cuidar e o educar também pode ser percebida nas orientações apontadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, quando considera uma educação para o desenvolvimento integral da criança pequena,



compreendendo a educação infantil enquanto fruto de ações amplas e complementares de cuidado e educação.

O grupo, mais uma vez, percebeu a importância da teoria: as contribuições que os textos trazem para o enriquecimento das práticas e, evidentemente, crescimento e aprendizagem para todas as pessoas, sejam profissionais, crianças ou extensionistas.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo interagindo e aprendendo.

OFICINA V – JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA

Uma das orientações do RCNEI aos/às profissionais de educação infantil no processo de educação e cuidado da criança pequena diz justamente do uso de meios/instrumentos/recursos que garantam o aprendizado e o desenvolvimento infantil. Entre tantos, encontram-se o

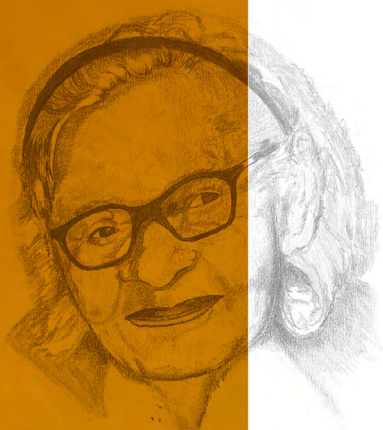
jogo, o brinquedo e a brincadeira, que estimulam a inteligência, fazendo com que a criança solte sua imaginação e desenvolva a criatividade.

Através do jogo, do brinquedo e da brincadeira adentramos no mundo das emoções e das ideias da criança, portanto, uma autêntica forma de comunicação com o universo infantil. O que a criança pensa? O que ela sente? Quais são os seus desejos? Os seus medos? Os sonhos? Estar atento/a e tentar compreender esses sinais é tarefa do adulto educador e, portanto, uma das temáticas necessárias que o/a professor/a de educação infantil deve conhecer. As profissionais da creche confirmaram essa necessidade e interesse.

Começamos a oficina com uma dinâmica, em círculo, em que formamos duplas e, frente a frente, um/a disse para o/a outro/a: “Para que esse encontro seja assim” (polegar levantado, indicando o sinal de positivo), “bom para você” (indicador apontando para o/a colega), “bom para mim” (indicador apontando para si mesmo/a), “sua mão vou apertar, um abraço vou lhe dar”. Isso ajudou o grupo a ficar mais à vontade e receptivo às demais atividades propostas - de jogo, brinquedo e brincadeira - durante todo o dia.

Não perdemos tempo! A atividade seguinte já foi um jogo cantado - *A dança do lambalu*. Em círculo, dançamos e cantamos “A gente dança o lambalu, lambalu. A gente dança o lambalu, lam-ba-lu, eh!”, e todos/as dizem “eh!” bem alto, com muita força, e levantam os braços de uma só vez, no estilo ciranda, tocando uma parte do corpo do/a colega e trocando sempre que gritar “eh!”. Começamos, então, tocando nos ombros, depois no pescoço, na orelha, na cabeça, nas mãos, barriga e joelho.

Com espontaneidade e gargalhadas a criança de cada participante foi aflorada nesse jogo cantado, mas outros foram trabalhados, especialmente os que fazem parte da nossa cultura, como:



Caranguejo - caranguejo não é peixe, caranguejo peixe é, caranguejo só é peixe na enchente da maré. Olha palma, palma, palma, olha pé, pé, pé, roda, roda moreninha, caranguejo peixe é.

Tanta laranja - tanta laranja madura maninha, que cor são elas, elas são verdes e amarelas, se vira “fulano” da cor de panela. Se eu fosse o peixinho e soubesse nadar eu tiraria “fulano” do fundo do mar.

Samba crioula - samba crioula que vem da Bahia, pega as crianças e joga na bacia, a bacia é de ouro, ariada com sabão e depois de ariada enxugada com roupão, o roupão era de seda, camisinha de filó, quem ficar de perna aberta dá a benção à vovó.

Dona Canja - dona Canja descubra o seu rosto, o seu rosto é de prata quero ver a sua cara. Que anjos são esses que andam por aí, é de noite e é de dia pra rezar ave-maria. Somos filhas do rei e netas da rainha, sua mãe mandou dizer que tirasse uma pedrinha.

Atividades dessa natureza oportunizam o resgate de nossas raízes culturais, ao mesmo tempo que contribuem para o desenvolvimento da expressão corporal, trabalhando sistematicamente com os aspectos relevantes da linguagem, tais como o ritmo, a melodia e a escrita. Para sistematizar essa intencionalidade educativa, escrevemos a letra de todas as músicas numa folha de papel grande (papel 40 kg) na presença do grupo, fizemos a leitura em voz alta apontando cada palavra, depois a leitura coletiva e, em seguida, a grande roda cantou e brincou. Tudo foi vivenciado passo a passo com o intuito de potencializar o trabalho das profissionais junto e com as crianças.

Seguimos brincando com o grupo, entregamos uma folha de jornal a cada um/a para fazerem uma bola e em seguida brincarem. Organizamos uma fila e cada um/a foi convidado/a a jogar sua bola dentro do cesto de lixo. Quem não conseguiu acertar a bola de primeira, tentou quantas vezes quis e contou os ganhos e perdas. Aproveitamos a



brincadeira para trabalhar os conceitos: dentro, fora, quantidade e a importância da motivação na busca de outras tentativas de aprendizagem.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo em uma atividade motivacional.

As profissionais ficaram encantadas e sugeriram outras brincadeiras com a bola, como jogar a bola para o alto e não a deixar cair, caso acontecesse o jogador deixaria a brincadeira. Venceria, então, quem não deixasse a bola cair no chão; pegar a bola com as duas mãos, baixar a cabeça, afastar as pernas e jogar a bola por dentro das pernas para bater em outra bola que se encontrasse no centro da sala; pegar a bola e andar sobre uma fita adesiva colorida colocada no chão (ponte imaginária) sem colocar os pés fora, senão cai; segurar a bola só com a mão direita ou a esquerda, alternando, e passar por entre as cadeiras em círculo sem derrubar (lateralidade, equilíbrio e coordenação motora são trabalhados com atividades desse tipo); sentar em uma cadeira e esticar as pernas, deixando-as juntas, e soltar a bola nas coxas deixando que ela desça até os pés (pegar sempre a bola na ponta dos pés e repetir a atividade algumas vezes, isso ajuda a relaxar e alongar o corpo).

Trabalhamos também com outros jogos e brinquedos confeccionados pelo grupo extensionista, como: quebra-cabeça, jogo da velha, boliche, vai e vem e peteca. As profissionais ficaram encantadas, surpresas e perplexas diante de algo aparentemente simples, mas de grande contribuição no desenvolvimento e aprendizado infantil.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo em atividades de jogos e brincadeiras.

Para confirmar tudo que foi vivenciado com as profissionais, recorreremos mais uma vez à leitura e estudamos um texto do RCNEI (Brasil, 2001, p. 27-29) que fala sobre o brincar, debatendo-o e discutindo em pequenos grupos. Os pontos do texto considerados relevantes pelos participantes foram socializados no grande grupo. Eis alguns:

- Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.
- Isso significa que uma criança que, por exemplo, bate ritmicamente com os pés no chão e imagina-se cavalgando um cavalo está orientando sua ação pelo significado da situação e por

uma atitude mental e não somente pela percepção imediata dos objetos e situações.

- No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar, as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando.
- A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil.
- É preciso que o professor tenha consciência de que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento.

As contribuições extraordinárias que a brincadeira traz na construção do desenvolvimento infantil é algo indiscutível. É importante, então, sinalizar o que a brincadeira favorece nesse processo: interação, diversidade e individualidade, aprendizagem significativa, resolução de problemas e proximidade com as práticas sociais reais. Como? De que forma? Quais são as brincadeiras? Foi com esses questionamentos e reflexões que encerramos as atividades do dia. Portanto, muito ainda havia a aprender, descobrir, estudar e fazer.





Voluntário do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo dialogando a partir de um texto sobre a importância da brincadeira na infância.

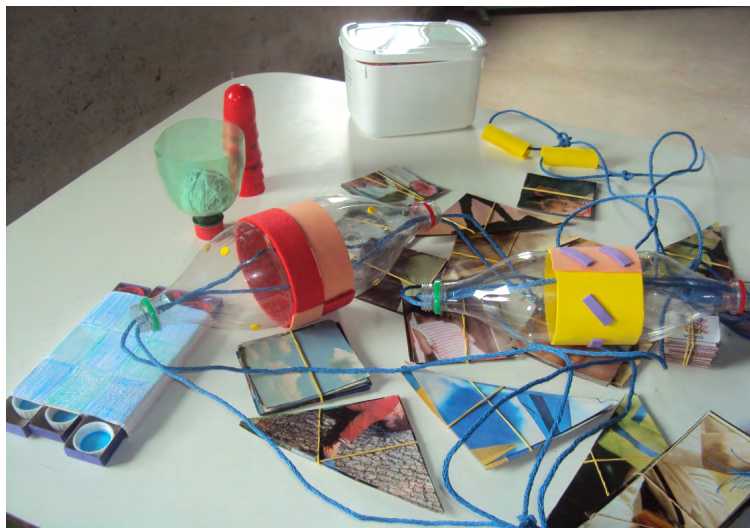
OFICINA VI – CONSTRUÇÃO DE JOGOS E BRINQUEDOS EDUCATIVOS

Cientes da importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras no aprendizado e desenvolvimento infantil e desejosos de que esses recursos/instrumentos fizessem parte da prática pedagógica cotidiana da creche, lançamos mão da construção de alguns jogos e brinquedos.

Essa foi uma experiência que possibilitou muitas aprendizagens para todos/as nós, principalmente a de reconhecer que muito do que jogamos fora e transformamos em lixo que polui consideravelmente

o meio ambiente pode ser reaproveitado, reutilizado, reciclado e uma excelente alternativa de recursos pedagógicos/educativos.

Essa atividade exigiu do grupo uma mobilização bem anterior à sua efetivação. Todos/as conseguiram juntar material descartável e que aparentemente não tem mais utilidade, mas que, com pouca criatividade, pode ser reaproveitado. E aprenderam que reaproveitar é mais econômico e às vezes pode ser o único tipo de matéria-prima disponível. Mas não foi só isso.



Material descartável para a atividade lúdica e criativa de criação de brinquedos.

A criação de brinquedos com material reciclável é também uma proposta de mudança e um desafio à nossa capacidade de criar. O processo criativo nos introduz ao prazer de transformar, de tornar útil e belo algo que até então era considerado inútil e feio.

Essa magia pedagógica ajuda o/a professor/a a construir os recursos que enriquecem e facilitam o seu trabalho, mas o mais importante é que ele é transformado pelo prazer de criar.

A criação de recursos proporciona maior número de descobertas e de experiências não só às crianças, mas também aos adultos.

Quando partilhamos com uma criança a descoberta de um objeto cuja utilização pode ser reinventada, estamos também mostrando o valor e o encanto das pequenas coisas.

Essa atitude pode ser bem mais do que uma alternativa de material para brincar/ensinar/aprender, pois é também uma alternativa para uma escala de valores.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e a professora Josefa Edite, gestora da Creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem com jogos recicláveis.

Devemos utilizar material reciclável não só por ser gratuito, mas porque nos proporciona oportunidade para criar e para nos libertarmos do vício do consumismo. Esperamos que o processo criativo, uma vez iniciado, vá se multiplicando e faça parte do aprendizado de todos/as nós extensionistas e profissionais da creche.

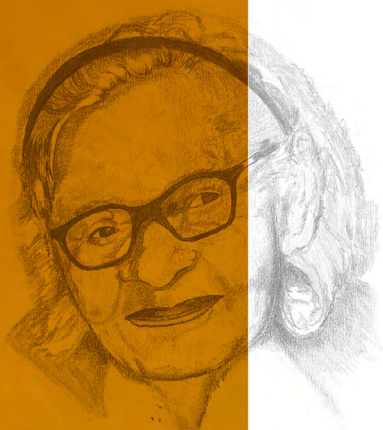
Provocar o grupo a pensar nessa perspectiva requer estratégias de sensibilização, foi o que tentamos fazer logo no início dos trabalhos. Convidamos todos/as a formar um círculo e dizer para os/as colegas: eu te valorizo (pega nas mãos), eu te respeito (pega nos ombros), você é importante para mim e para este grupo (um abraço).

Em seguida, fizemos alguns questionamentos e reflexões tentando fazer uma ponte com a temática trabalhada: quem se sente valorizado e respeitado? Na sociedade atual, o que tem mais valor para nós, as pessoas ou as coisas? De que forma temos tratado o meio ambiente? O que temos feito do lixo? Como foi a experiência de juntar material reciclável nas últimas semanas? Qual é o sentimento de ver o seu processo de criação transformando material reciclável/lixo em brinquedo? Além dos conteúdos disciplinares, o que pretendemos ensinar às crianças?

Para espanto nosso, para não dizer tristeza e preocupação, quase todos/as disseram que nunca tinham pensado em coisa tão séria. Isso demonstra que as nossas ações muitas vezes são mecânicas, geralmente reproduzimos o que vemos os outros fazerem ou o que a mídia diz que é bacana e moderno.

Tomar consciência da nossa condição de ser e estar no mundo como sujeitos questionadores, críticos, ativos, curiosos e criativos e possibilitar ao outro a construção dessa mesma consciência é tarefa de todos, principalmente dos/as profissionais da educação. Daí a importância da formação permanente dos/as professores/as, oportunidade ímpar para a reflexão da prática e a descoberta das próprias limitações, e, evidentemente, do espaço de aprendizagem. Como afirma Freire:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à



reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela aproximá-lo ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade (1996, p. 39).

Foi sob esse ângulo que tentamos desenvolver o processo de formação das profissionais da creche. Por isso outras estratégias foram utilizadas para subsidiar a reflexão e o aprofundamento do tema em foco. Recorremos à contação da história *Fiz o que pude*, um lindo texto que, em síntese, conta a seguinte história:

Fiz o que pude

O livro conta a história de uma floresta muito linda, muito grande, com árvores altíssimas e sombras refrescantes. As árvores davam flores o ano inteiro. Os bichos assim diziam satisfeitos:

- Vejam as flores amarelas daquele ipê!

Nem o ouro é tão brilhante, colírio para os olhos, fartura para as abelhas... Nela moravam animais de todas as espécies, jeitos e cores.

Uma vez por mês todos se reuniam e cada um dava seu palpite, sugestão ou reclamação.

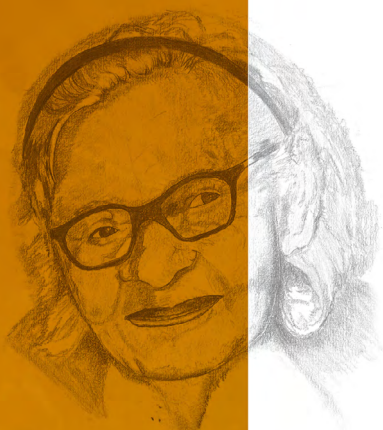
Comentavam sobre o doce mel das abelhas, as folhas que caíam etc. Desde as minúsculas formigas até a musculosa onça-pintada participava da confabulação.

O Sr. macaco aconselhava:

- Não devemos lembrar só o que a floresta pode fazer por nós, mas do que nós podemos fazer por ela.

Todos batiam palmas.

Cada um dava seu palpite de como poderiam cuidar mais da floresta, que afinal era a casa de todos.



No entanto, havia um passarinho pequenino, de uma cor que ninguém sabia dizer qual era, nem marrom, nem cinza, nem bege, um passarinho muito sem graça.

Ele nunca dava palpites e dizia que saber escutar os conselhos e as ideias dos outros também tem seu valor.

Até que um dia, sem ninguém saber de onde, veio o fogo. Muito alto e com muita força, ia destruindo a floresta tão amada por todos. Os animais apavorados só pensavam em fugir.

Só ficou o passarinho sem graça que não fugiu, pensando:

“Ué! Não é agora a hora de fazer alguma coisa pela floresta? Ela que até hoje só nos protegeu?”.

E, voando até a nascente do riacho, encheu o bico de água, que veio derrubar sobre o fogo da floresta. A minúscula quantidade de água sobre o fogaréu imenso. E voava da mata para o riacho, incansável.

Depois de muito tempo, o fogo foi baixando e os outros bichos, admirados com a valentia do passarinho, voltaram para lhe perguntar:

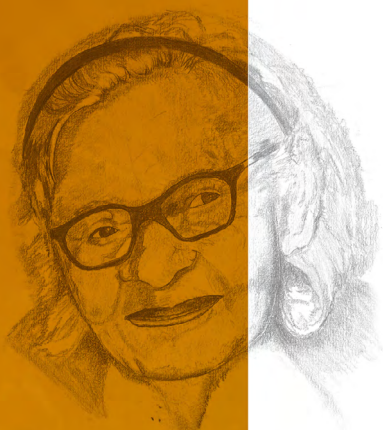
- Mas de que adianta todo seu esforço?
- Você não conseguirá apagar o fogo da floresta...

Então ele disse:

- Sei disso, mas quando o fogo se apagar e o chão estiver coberto de cinzas, se me perguntarem o que fiz para evitar a destruição, posso responder: “FIZ O QUE PUDE”!

Autora: Lucília Junqueira de Almeida Prado

Editora Moderna





A professora Efigênia Dias em atividade de leitura com uma das profissionais da Creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem de leitura.

Depois que contamos a história, solicitamos que os/as participantes dramatizassem, assumindo o papel dos personagens do texto. Foi um momento muito bacana, pois todos/as queriam ser o passarinho da história. Ninguém quis representar os demais animais, argumentando que a atitude deles foi de covardia, pois achavam a floresta bonita e gostavam dela quando tudo estava bem, foi só aparecer uma situação difícil que todos correram.

Enalteceram a ação do passarinho, acharam-no corajoso e reconheceram que não é fácil assumir posturas e decisões tão firmes. Da brincadeira da dramatização, a conversa ficou séria, aproveitamos para chamar a atenção para as nossas posturas e práticas diante da grande responsabilidade de educar crianças pequenas. Temos uma prática coerente com os nossos discursos, às vezes tão bonito? Qual é a nossa preocupação e cuidado com o meio ambiente? De que forma fazer uso de material reciclável para construir jogos e brinquedos

educativos nos instiga a buscar alternativas de superação das necessidades apresentadas no cotidiano da prática pedagógica da creche?



A professora, alunos voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo interagindo numa leitura compartilhada.

Finalizamos as atividades do dia com a leitura compartilhada de um texto do RCNEI (Brasil, 2001). Acreditamos que estamos plantando sementes de desejo de estudo e leitura para subsidiar o trabalho pedagógico na creche.

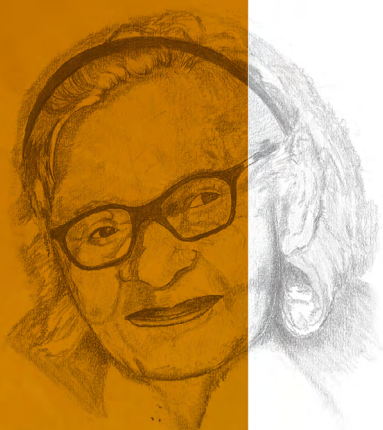
OFICINA VII – ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DIÁRIAS NA CRECHE

De um/a professor/a novato a um/a experiente, todos devem saber como organizar uma jornada de atividades diárias na creche, pois facilita o gerenciamento da ação pedagógica. A jornada diária na creche é uma sequência de atividades que visa à organização do tempo que a criança permanece na instituição. Apoiar-se na vivência diária de momentos e nos indícios e sinais que remetem às situações do cotidiano.

De uma canção na entrada à hora do lanche, as crianças já ficam cientes das atividades que se seguirão: “depois do lanche tem brinquedo no parque”, “depois da roda a gente desenha, pinta, faz trabalho com massinha”.

A espinha dorsal da jornada diária são alguns marcos temporais que quase nunca se alteram: a chegada, a roda, o lanche, o pátio, a saída, e é importante manter constantes os parâmetros principais da jornada para que as crianças se sintam seguras e não se desorganizem.

Entretanto, outros momentos se interpõem, levando em conta o ritmo do grupo, que é dinâmico. Assim, constantemente surgem novas experiências e alterações, mas o/a professor/a deve se manter em seu papel de “porto seguro”. Uma jornada compreensível e claramente definida é, também, um fator de segurança. Serve para orientar as ações das crianças e dos/as professores/as e favorece a previsão de situações que possam vir a acontecer.



As atividades da jornada são aquelas que devem ser realizadas diariamente, oportunizando às crianças o desenvolvimento e a manutenção de hábitos indispensáveis à preservação da saúde física e mental como, por exemplo, a organização, a higiene, o repouso, a alimentação correta, o tempo e os espaços adequados, as atitudes, as atividades do dia etc.

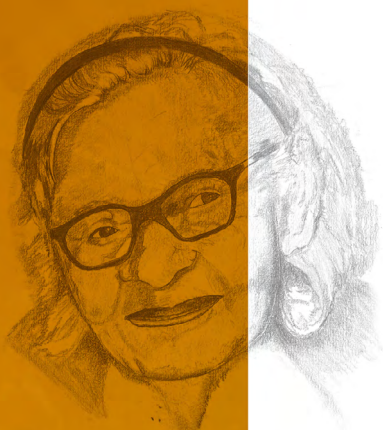
Por caracterizar-se como facilitadora da aprendizagem, a jornada diária, então, não deve se transformar numa planilha diária de atividades, rígida e inflexível, exigindo a adaptação da criança a ela. A flexibilidade, portanto, é fundamental e a criança precisa aprender a lidar com o inesperado. A organização do tempo precisa ensejar alternativas diversas e, frequentemente, simultâneas de atividades mais ou menos movimentadas, individuais ou grupais, que exijam maior ou menor grau de concentração e atenção, como: determinar a hora do repouso, da alimentação, da higiene, do brincar, da recreação, do jogo e da contação de história.

Não podemos esquecer que as atividades organizadas contribuem, direta ou indiretamente, para a construção da autonomia: competências que perpassam todas as vivências das crianças. As crianças vão chegando e logo ficam curiosas para definir e conhecer o que ocorrerá no dia, por isso a importância da jornada e da sala de aula possuir um quadro de atividades diárias. Com um quadro de atividades é fácil determinar a sequência das tarefas junto com as crianças. Então, é fundamental que cada professor/a confeccione o seu para sempre começar o trabalho mostrando para a turma as atividades que farão parte daquele dia. Isso ajuda a controlar a ansiedade da garotada, e o ideal é que ele fique em lugar bem visível.

Foi com essas reflexões que convidamos o grupo a colocar literalmente a mão na massa. Juntos/as construímos/organizamos a jornada de atividades diárias da creche. Vejamos:

Sugestão de organização da jornada de atividades diária na creche:

- chegada dos/as professores/as e demais profissionais (organização da sala e dos materiais);
- acolhida: recepção das crianças (um bom dia caloroso, um sorriso, um abraço, oração, música etc.);
- troca de roupa das crianças (incentivar que as crianças se troquem sozinhas, ajudar quando necessário, guardar em sacolas separadas/individual as roupas que vieram de casa);
- café da manhã (lavar as mãos, em fila, sem correr, comer de boca fechada, mastigar devagar, pegar bem a colher/talheres etc.);
- conversa na roda (novidades de casa, aniversariantes, calendário, tempo, combinados, crachá etc.);
- contação de história (lida, contada, dramatizada ou desenhada);
- atividades diversificadas (jogos, brinquedos, brincadeiras, música, dança, massinha de modelar, registro/escrita) ou brincadeira no pátio;
- higiene/banho (antes de ir para o banheiro, tomar o banho imaginário na sala, lavar todas as partes do corpo, tratar e conhecer o corpo com naturalidade);
- almoço (as mesmas orientações do café da manhã);
- repouso/sono (usar uma música instrumental);
- atividades diversificadas (jogos, brinquedos, brincadeiras, música, dança, massinha de modelar, registro/escrita etc.);
- lanche (as mesmas orientações do café da manhã);
- organização da sala e saída.



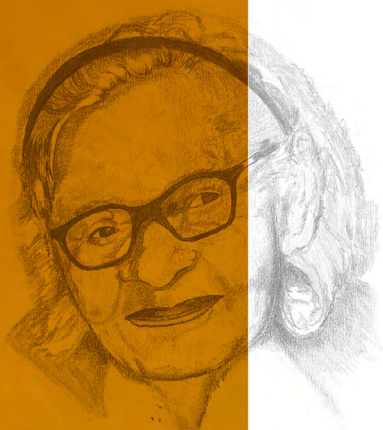
Sugestão de alguns tópicos de atividades diárias na creche:

Tempo e chamada

Na educação infantil, o primeiro passo da jornada é a caracterização do dia em termos de calendário - que dia é hoje? Em que mês estamos? Que dia foi ontem? E que dia será amanhã? Se tiver alguma data especial, o/a professor/a deve conversar sobre ela com as crianças: data cívica ou aniversário de alguma criança - mesmo que tenha ocorrido num feriado ou fim de semana -; e de tempo, em que a estação do ano é lembrada e se verifica se algumas características estão presentes no dia e as condições climáticas são, então, registradas através de cartaz do tempo.

Finalizada essa etapa, é iniciada a chamada interativa: o/a professor/a sugere ao grupo que observe e verifique quem está presente e quem faltou. Após nomearem os faltantes, então começa a chamada propriamente dita, que pode ser realizada de diversas formas: preenchendo o quadro "Quantos somos?" ou num quadro que possua as fichas de todas as crianças (retiram-se as fichas das que estão faltando e em seguida conta-se quantas crianças estão presentes, podendo ser até um momento para trabalhar com os nomes das crianças), bonequinhos com o nome das crianças para colocar num quadro específico (pode-se fazer como o exemplo anterior), entre outros modelos.

Qualquer que seja o modelo escolhido, deve-se fazer a contagem dos presentes, separá-los em grupos (meninos e meninas) e sua totalização novamente. Toda essa atividade de chamada interativa vai permitir a descoberta e a consolidação de valores, além de ser muito agradável para a criança pelo seu caráter lúdico e participativo, valorizando a presença de cada um.



Ajudante do dia

A escolha do ajudante do dia pode ser efetuada com várias dinâmicas: um casal por dia ou apenas um ajudante, alternadamente menino/menina, escolhido através de sorteio ou ordem alfabética. Aos ajudantes do dia caberá colaborar em todas as tarefas, tais como: distribuir materiais, bilhetes, organizar a sala etc.

Atividades do dia

As atividades apresentadas para o dia devem constar no quadro de atividades diária: acolhida, café da manhã, atividade de registro, pátio, banho, contação de história, almoço, repouso, jogos/brincadeiras, lanche, relaxamento e despedida. O tempo gasto em cada atividade é um elemento importante, por isso deve ser pensado desde o planeamento para não incorrer em excesso de atividades.

A importância da roda

A roda é um dos momentos de grande interação. Implica a expectativa de algum fato relevante, pois algo de importante vai acontecer quando todos se sentam numa roda. Para o/a professor/a, é uma oportunidade de observar as crianças e as relações entre elas: duplas ou trios que se sentam perto, conversam, trocam objetos, riem.

Nos primeiros dias de creche, a proximidade da roda permite que as crianças se conheçam melhor, observando semelhanças e diferenças por meio de um jogo de identificação iniciado pelo/a professor/a: “tem criança com camisa azul”, “tem criança com bota”. Mesmo não sabendo ainda o nome dos colegas, as crianças voltam-se para os indicadores,

acompanhando a nomeação de cada um: “Davi vai mostrar sua mochila nova”, “quem está de blusa verde vai pegar a caixa de botões”. Todo o grupo se envolve na adivinhação e às vezes descobre quem é a criança.

A roda de novidade deve fazer parte da jornada diária desde os primeiros dias de creche. No início, o/a professor/a traz os objetos para serem explorados, e as crianças são praticamente espectadoras. Mas a roda evolui quando as crianças começam a trazer as novidades de casa – uma fruta, um brinquedo, uma revista, toquinhos de madeira, algumas fotos e até uma caixa cheia de tampinhas de refrigerante.

O que for significativo para a criança pode ir para a roda, desde que o dono queira. Uma das possibilidades é criar a caixa de novidades. Na chegada, a criança guarda o objeto, que depois de exibido na roda volta para a caixa ou vai para a mochila, conforme a criança desejar.

A novidade pode desencadear várias atividades, como jogos, brincadeiras e histórias, e faz a ponte entre a casa e a creche, permitindo identificações, além de incentivar o início das relações de interação e troca entre as crianças. A roda pode ser o primeiro momento de centralização das atividades do dia. Nela tem-se um espaço privilegiado no qual se pode desencadear a exploração de temas e o amadurecimento das ideias. Mas para isso é de grande importância a participação das crianças por meio de comentários e discussões.

Um de cada vez

No início do ano, é comum o/a professor/a estimular a participação das crianças tentando fazer com que falem, façam comentários e manipulem brinquedos. Mas chega um momento em que começa uma avalanche: as crianças não escutam, só falam, e quase todas ao mesmo tempo. Os interesses voltam-se para um determinado objeto, às vezes disputado no “vale-tudo”.



Situações como essa podem representar um desafio para o/a professor/a, na medida em que ele/a se vê obrigado a repensar atividades para torná-las mais adequadas aos movimentos do grupo. É hora de coordenar ações coletivas.

Essa organização, na verdade, deve ser feita logo no início do ano e constituirá a estrutura de apoio das relações e da convivência. Um dos instrumentos dessa estrutura são os “combinados”, os acordos do tipo “cada um tem sua vez de falar”, “fazer uso das palavras mágicas – bom dia, boa tarde, obrigado/a, por favor, desculpe” e “cuidar bem dos livros”.

Temas como esses também podem ser discutidos numa roda de conversa. Se, por exemplo, as crianças estão deixando as peças dos jogos de encaixe espalhadas, sem se preocupar em guardá-las nos lugares certos, pode-se conversar sobre a necessidade de organização para que não se perca nenhuma peça.

É fundamental que os combinados sejam expostos o ano inteiro na sala de aula, seja através de cartaz ou de plaquinhas, para que, sempre que necessário, o/a professor/a lembre à turma ou à criança sobre o que foi combinado anteriormente e, quando precisar, poder acrescentar novos combinados à lista que já está exposta ou criar plaquinhas.

Criando autonomia

Aos poucos, as crianças vão se acostumando e acabam cumprindo os “combinados” sem a necessidade da intervenção constante do/a professor/a. Eles podem, então, ser ampliados: agora as crianças incorporam a necessidade de guardar direito os jogos e brinquedos, sabem esperar sua vez de falar, já podem conhecer e aplicar algumas regras de convivência: “Não vale empurrar o colega, molhar o colega, jogar areia na cabeça do colega”.



Com o tempo, as próprias crianças empenham-se em criar regras, de acordo com a necessidade surgida na prática. Em todos os sentidos, agem de modo cada vez mais independente, e cabe ao/a professor/a facilitar a construção dessa autonomia.

Organização do espaço

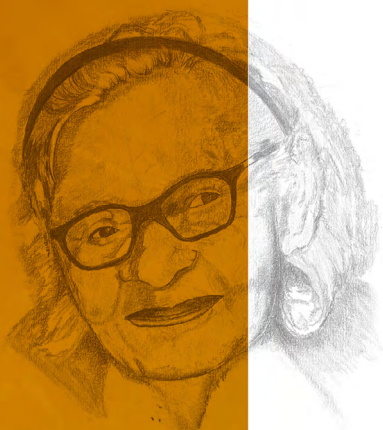
A organização do espaço da creche deve criar condições para que as atividades se desenvolvam de maneira flexível e cooperativa. A renovação deve ser constante, introduzindo materiais novos ou arrumando os antigos.

As crianças brincam em duplas, trios ou grupos maiores. Gostam de construir com sucatas e blocos, fazendo prédios, trens ou estradas, e esses aspectos devem ser considerados na configuração e na estrutura do espaço físico e do material usado nas atividades do cotidiano da creche.

A creche deve oferecer um ambiente seguro e favorecer a ampla circulação das crianças, permitindo que subam e desçam, levem e tragam, inventem caminhos. É possível também criar espaços como uma casa de boneca ou um camarim - onde os personagens se pintam e se fantasiam, põem máscaras e acessórios - ou um palco com fantoches e local para a bandinha, de modo que as crianças possam explorar sons e ritmos.

Era uma vez

Contar uma história é uma experiência de grande significado para quem conta e para quem ouve. Muitas crianças são capazes de antecipar as sequências emocionantes e reagem escondendo-se atrás



do amigo, apertando as mãos, arregalando os olhos ou com um suspiro de alívio e com o riso, quando o herói vence os obstáculos.

Na história, a criança projeta-se momentaneamente nos personagens e penetra no mundo da fantasia, vivenciando um contato mais estreito com seus sentimentos e elaborando seus conflitos e emoções.

A história funciona como uma ponte entre o real e o imaginário. Por meio dela, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registros da língua e amplia sua percepção de tempo, espaço e seu vocabulário.

Para que esse seja um momento prazeroso, é fundamental que se escolha uma história com a qual a criança possa se identificar. Além disso, convém criar um clima de aconchego, construindo uma interação positiva.

O/A professor/a vai se transformando num contador de histórias quando se liberta do texto escrito e, observando as reações das crianças e ouvindo seus comentários, faz dessa hora um momento de emoção. Assim, poderá reajustar a narrativa, introduzindo, acrescentando ou até suprimindo detalhes para torná-la mais significativa para o grupo.

É melhor ler ou contar a história? Há vários modos de apresentar as histórias para as crianças. A maioria delas alcança sua melhor forma de expressão se forem contadas, e outras se forem lidas, pois assim ganham mais brilho e até exigem que sejam mostradas as ilustrações. Quando se conta uma história, em vez de ler o livro para as crianças, está se permitindo que os significados simbólicos e interpessoais da narrativa sejam atingidos plenamente.

Pode-se contar a história sem mostrar a ilustração logo de início, pois às vezes a intermediação do texto obriga o contador a dividir sua atenção entre a narrativa e os ouvintes. Além disso, é possível criar um clima que permita à criança liberar sua imaginação e viver sua fantasia.



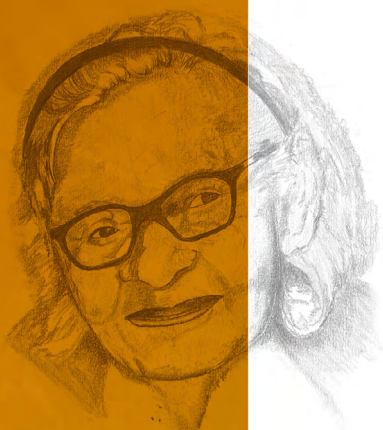
Entretanto, além de contar, é importante que o/a professor/a também leia histórias. É sempre bom fazer um estudo prévio do texto antes de contar ou ler a história, para conhecer o enredo, o ambiente, os personagens e as falas, assim, o/a professor/a poderá fazer uma narração e uma interpretação mais precisas e convincentes.

OFICINA VIII – AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Avaliar na educação infantil tem como objetivo único acompanhar o desenvolvimento da criança. Por isso, não pode ser realizada como forma de medir conhecimentos, mas como ponto de partida para novas descobertas, pois serve como diagnóstico das necessidades dos alunos. Ao mesmo tempo que é usada pelo/a professor/a como uma forma de nortear a sua prática, essa avaliação também deve fornecer aos pais um relato da evolução das capacidades da criança.

A avaliação deve ser feita com base no acompanhamento, observação e registro do/a professor/a em relação ao desenvolvimento e progresso da criança. Não deve possuir caráter rotulador ou quantitativo, ela precisa resgatar urgentemente o sentido essencial de acompanhamento do desenvolvimento infantil, de reflexão permanente sobre as crianças em seu cotidiano como elo da continuidade da ação pedagógica.

O conhecimento de uma criança é construído lentamente, pela sua própria ação e por suas próprias ideias, que se desenvolvem numa direção: para maior coerência, maior riqueza e maior precisão. Portanto, mediar a ação educativa significa para o/a professor/a a abertura de entendimento a essas permanentes possibilidades, consciente de que as suas expectativas podem não corresponder às formas peculiares e próprias de a criança responder às situações.



É bom lembrar que não existe uma forma padrão de avaliar o grupo, cada criança deve ser avaliada de forma individual, de acordo com suas competências, evoluções e dificuldades, pois cada criança é parâmetro de si mesma.

É comum o/a professor/a padronizar os itens que são avaliados e rotular as crianças que não conseguem corresponder aos objetivos propostos ou que não respondem de forma esperada às atividades sugeridas. Qualquer parecer descritivo deve conter um relatório que centre as anotações referentes ao acompanhamento de cada criança, no contexto individual e nas suas relações com o meio.

Para Vygotsky (1979), a linguagem escrita é mais reflexiva do que a linguagem oral. Sendo a escrita uma representação da fala, ela exige uma reorganização do pensamento, uma maior reflexão e conexão entre as ideias defendidas. Portanto, os relatórios de avaliação representam a análise e a reconstituição da situação vivida pela criança na interação com o/a professor/a.

Foi com essas reflexões que iniciamos mais um trabalho e convidamos o grupo, mais uma vez, a colocar literalmente a mão na massa. Juntos/as construímos/organizamos um roteiro de observação e avaliação na educação infantil. Vejamos:

- Aspectos físicos: expressão corporal, harmonia, equilíbrio, ritmo, coordenação, organização espacial ampla, uso e aplicação da força.

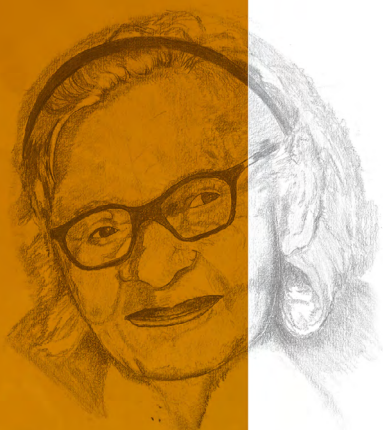
Como chega à escola?

Como se adapta ao ambiente?

Como brinca?

Como está se movendo?

O caminhar é ágil e harmonioso?



Corridas e saltos são equilibrados ou ocorrem quedas?

Como recorta? Como usa a cola? Como pinta?

Consegue respeitar limites da folha e do desenho?

- Aspectos sociais: interatividade, participação compartilhada, regras, disciplina, organização, trabalho em equipe, responsabilidade.

Interage com os amigos?

Empresta brinquedos?

Respeita regras e combinados?

Expõe novidades e acontecimentos do seu cotidiano?

Participa manifestando opiniões pessoais?

Prefere jogos cooperativos ou competitivos?

- Aspectos emocionais: manifesta/expressa sentimentos, desde a alegria das vitórias e conquistas até o sabor da derrota e da perda.

Como chega à creche?

Como se relaciona com colegas, professoras e funcionários?

Sente-se seguro/a no ambiente escolar?

Como reage quando contrariado/a?

Acalma-se facilmente ou precisa de um tempo?

Reconhece os colegas?

Identifica-se pelo nome (sua imagem no espelho)?

Gosta dos/as colegas e os/as identifica?



Tem capacidade de resolver conflitos e tomar iniciativas?

É crítica e criativa?

Curiosa e inventiva?

É participativa e cooperativa?

- Aspectos cognitivos: linguagem oral e escrita, raciocínio lógico matemático, capacidade de comunicação e argumentação, iniciativa na resolução de problemas e conflitos. Em qual estágio do desenvolvimento se encontra (sensório-motor, operacional etc.)?

Tem interesse pela descoberta das letras e escrita de palavras?

Em que nível de escrita se encontra?

Comunica-se com clareza e objetividade?

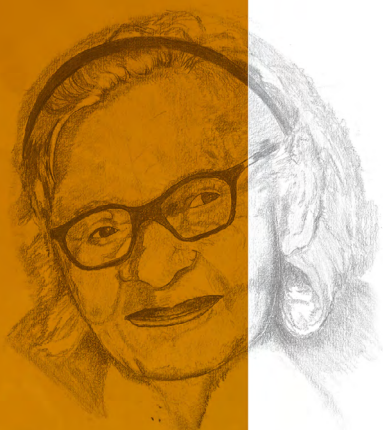
Apresenta sequência lógica dos fatos?

Consegue observar semelhanças e diferenças entre os objetos?

Classifica, ordena e quantifica com base em atributos de cor, forma, tamanho e espessura?

Em que etapa seu desenho se encontra (desenho sem intenção ou figurativo)?

- Área em que se destaca: nesta etapa, utilizamos como referência a teoria de inteligências múltiplas de Gardner (2000). A proposta aqui é a seguinte: observar em qual/quais área/s a criança atua com mais desenvoltura e colocar/registrar a que ela se destaca.
- Lógico-matemática: a capacidade de confrontar e avaliar objetos e abstrações, discernindo as suas relações e princípios subjacentes. Habilidade para raciocínio dedutivo e para solucionar problemas matemáticos.



- Linguística: caracteriza-se por um domínio e gosto especial pelos idiomas e pelas palavras e por um desejo de explorá-los. É predominante em poetas, escritores, e linguistas.
- Musical: identificável pela habilidade para compor e executar padrões musicais, executando pedaços “de ouvido”, em termos de ritmo e timbre, mas também escutando-os e discernindo-os. Pode estar associada a outras inteligências, como a linguística, espacial ou corporal-cinestésica. É predominante em compositores, maestros, músicos, críticos de música.
- Espacial: expressa-se pela capacidade de compreender o mundo visual com precisão, permitindo transformar, modificar percepções e recriar experiências visuais até mesmo sem estímulos físicos. É predominante em arquitetos, artistas, escultores, cartógrafos, navegadores e jogadores de xadrez.
- Corporal-cinestésica: traduz-se na maior capacidade de controlar e orquestrar movimentos do corpo. É predominante entre atores e aqueles que praticam a dança ou os esportes.
- Intrapessoal: expressa na capacidade de se conhecer, estando mais desenvolvida em escritores, psicoterapeutas e conselheiros.
- Interpessoal: expressa pela habilidade de entender as intenções, motivações e desejos dos outros. Encontra-se mais desenvolvida em políticos, religiosos e professores.
- Naturalista: traduz-se na sensibilidade para compreender e organizar os objetos, fenômenos e padrões da natureza, como reconhecer e classificar plantas, animais, minerais, incluindo rochas e gramíneas e toda a variedade de fauna, flora, meio-ambiente e seus componentes. É característica de biólogos, geólogos e mateiros, por exemplo.



- Existencial: investigada no terreno ainda do “possível”, carece de maiores evidências. Abrange a capacidade de refletir e ponderar sobre questões fundamentais da existência. Seria característica de líderes espirituais e de pensadores filosóficos.

Encerramos as atividades lembrando que não existe receita nem modelos para o desenvolvimento de nenhuma prática pedagógica, na realidade o roteiro construído é apenas um parâmetro, uma orientação para realização do trabalho das professoras na creche. Cada criança se desenvolve no seu ritmo próprio, em uma mesma sala e, às vezes, com a mesma idade, elas podem estar em níveis diferentes, nos diferentes aspectos.

Vale registrar que esse foi mais um trabalho gratificante, aos poucos fomos vendo as possibilidades de mudança e ações pedagógicas mais organizadas e planejadas na creche.

OFICINA IX – CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias a uma criança pequena é uma atividade bastante corriqueira, nas mais diversas culturas do mundo e em várias situações, tanto no âmbito familiar como no escolar. Como se sabe, essa prática vem se perpetuando através dos tempos de maneira quase intuitiva. Contudo, alguns estudos já demonstraram o importante papel que as histórias desempenham nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem humana.

As histórias infantis são utilizadas geralmente pelos adultos interlocutores, sejam pais ou professores, como forma de entretenimento ou distração, pois, geralmente, toda criança demonstra um interesse especial por elas. Logo, não por acaso, essa foi uma das atividades mais desenvolvidas nas oficinas realizadas com as crianças, e evidentemente houve a necessidade de realizá-la também com as profissionais da creche.



E para isso a ministrante convidada pelo grupo extensionista foi a professora Maria Rodrigues, que inicialmente fez a leitura de uma linda mensagem de acolhimento ao grupo e, em seguida, expôs informações importantíssimas sobre a arte de contar histórias.



Professora e voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo em uma palestra ministrada pela professora Maria Rodrigues.

Depois disso, como uma verdadeira contadora de histórias, a professora Maria Rodrigues encantou a todos ao apresentar alguns livros infantis e, escolhendo um deles, ensinar como se deve contar uma história para crianças.

Mostrou que devemos fazer uso de muitos recursos para despertar o interesse e a imaginação das crianças pequenas. Para concretizar essa fala, ela utilizou uma mala fechada, cheia de objetos, e solicitou que cada um/a a pegasse e, ao tocá-la/balançá-la, imaginasse o que havia dentro dela. Mesmo sendo um grupo de adultos/as, a curiosidade foi geral, todas as pessoas participaram avidamente.

Depois desse momento contagiante e eufórico, a professora autorizou a abertura da mala e orientou que cada participante retirasse dela um objeto do seu agrado (galinha, elefante, pirulito, vaso, sabonete, copo, colar, boneca, carrinho, entre outros), se juntasse aos colegas formando pequenos grupos de quatro pessoas e, a partir dos objetos escolhidos, construísse uma história.

Cada grupo criou a sua história e depois a contou para o grande grupo. Todos/as ficaram admirados/as com a criatividade e a capacidade dos colegas. A professora fez questão de ressaltar que uma atividade desse porte desenvolve inúmeras habilidades e aprendizagens, entre elas a convivência humana e solidária, tão necessária nos dias de hoje. Daí a importância das histórias infantis, dos contos de fada, mas também da nossa própria história, construída a partir da realidade de cada pessoa.



Dona Edite e profissionais da Creche Padre Geraldo em uma dinâmica interativa.

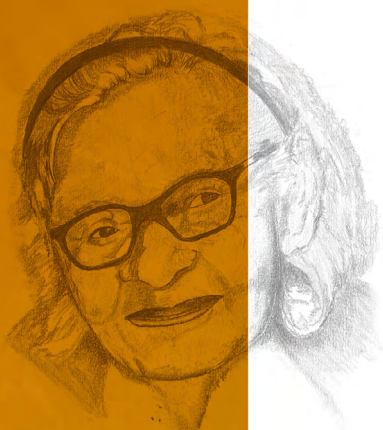
As atividades do dia foram concluídas com uma roda onde todos/as ouviram a história do *Garotinho chamado amor* e dialogavam com quem estava ao seu lado através de alguns gestos, como: pular, bater palmas, segurar na mão do/a amigo/a, abraçar (de acordo com a palavra já destacada no texto e comunicada para o grupo no início da atividade). Vimos, então, que a arte de contar histórias depende do compromisso e da força de vontade dos adultos responsáveis pela educação de crianças, e precisa, portanto, ser pensada e utilizada verdadeiramente como atividade pedagógica.

OFICINA X – IMPORTÂNCIA DOS CANTINHOS EDUCATIVOS

A organização do espaço e do tempo na educação infantil representa mais do que a simples estruturação física e cronológica das atividades das instituições de ensino, representa uma maneira de repensar a educação através de uma organização que esteja em consonância com uma concepção de ensino que encare a criança como um ser em desenvolvimento que precisa de ambientes interativos para isso. Discutindo sobre a concepção de ensino implícita nas organizações dos espaços e do tempo na educação infantil, Moura diz que:

O espaço educa. Seu planejamento nunca é neutro. Sua formalização reproduz as concepções de quem o organiza. Logo, a forma como se dispõem os móveis, os materiais, o modo como eles são ocupados pelas crianças e adultos e o modo como interagem, revelam, ainda que implicitamente, uma dada concepção pedagógica em uso. Do mesmo modo, reflete o que se pensa sobre a criança e como deve ser o seu processo educativo (2009, p. 140-141).

Desse modo, é importantíssimo compreender qual a concepção de ensino que está por trás da organização dos espaços e do tempo nas



instituições de educação infantil. Foi tentando construir essa concepção com as profissionais da Creche Padre Geraldo que nos lançamos ao trabalho em mais uma oficina, com o tema *Importância dos cantinhos educativos*, cientes de que o tema era desafiador, pois não é fácil mexer naquilo que se encontra organizado há anos sem nunca ter mudado de lugar.

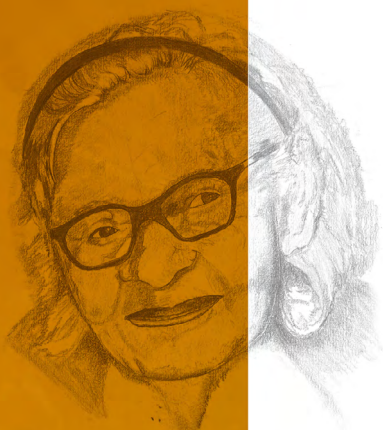
Essa organização da qual estamos falando não diz respeito apenas ao espaço físico da creche, mas principalmente à forma de pensar das professoras revelada quando uma mesma prática é repetida anos após anos sem nenhuma mudança, nem mesmo do espaço, quanto mais de conhecimento.

Para ajudar nessa conversa inicial recorremos à dinâmica *Rigidez e flexibilidade*. Duas cadeiras foram colocadas no centro da sala, uma de frente para outra, e cada cadeira recebeu um nome, uma se chamava “rigidez” e a outra, “flexibilidade”.

O grupo foi convidado a passar ao lado dessas cadeiras e portar-se de acordo com o que anunciava cada cadeira, ou seja, passava-se ao lado de “rigidez” com muita dificuldade, quase arrastando-se, e ao chegar na “flexibilidade” o movimento deveria fazer jus ao próprio nome. Uma música bem animada foi colocada e os/as participantes entraram em ação.

A discussão em torno das sensações experimentadas pelo grupo durante a vivência foi algo extraordinário. Por unanimidade o grupo colocou da alegria e do prazer que sentiu ao chegar na “flexibilidade”, quando a sensação era de liberdade, enquanto a “rigidez” trouxe um sentimento de prisão e tristeza.

Aproveitamos essa reflexão e a levamos para o cotidiano das práticas na creche, questionando: quais são os espaços da creche que as crianças mais gostam? Que ambientes aqui na creche provocam a sensação de alegria e liberdade? Que cuidado se tem ao pensar o processo de aprendizagem das crianças? Muitas profissionais silen-



ciaram, mas uma teve a coragem de dizer que estava com vergonha, pois não se dava conta de suas ações com as crianças, assumindo que até as mesas e cadeiras sempre ocupavam o mesmo lugar.

No entanto, assumiu em público que jamais iria fazer sempre as mesmas coisas e concluiu dizendo que queria ver as crianças felizes.



A professora e os alunos voluntários do projeto de extensão: *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância*, juntamente com os profissionais da Creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem em uma dinâmica coletiva.

Após esse momento, o trabalho fluiu muito bem, organizamos a sala em quatro ambientes e convidamos todos/as a formarem pequenos grupos, ocupando esses lugares e produzindo o que o espaço possibilitava.

Um grupo brincou bastante (cantinho dos brinquedos), o outro jogou (cantinho dos jogos), outro leu muitos livros de literatura (cantinho da leitura) e o outro desenhou e pintou (cantinho das artes). Em seguida, cada grupo apresentou suas produções.

Para muitas profissionais tudo aquilo era novo, organizar em uma única sala de aula vários espaços pedagógicos foi uma grande descoberta. Juntos/as aprendemos que o espaço não é somente a estrutura física, mas o conjunto de relações, sentimentos e emoções que nele se produzem, estando integrado às primeiras vivências do ser humano. A creche, portanto, é hoje um espaço de construção dessas primeiras vivências, já que a criança passa nela dez horas diárias durante cinco dias da semana. Nesse sentido, Barbosa e Horn muito bem se colocam:

Também compartilhamos da ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Inicialmente as crianças têm as suas percepções centradas no corpo, concomitantemente com o seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descenter-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não-eu. Consequentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante as crianças aprenderem a lidar com isso (2001, p. 73).



Profissionais da Creche Padre Geraldo em uma atividade de repensar o espaço físico da sala de aula.

Com a clareza de se repensar a organização das salas da creche, encerramos as atividades do dia cientes de que o modo como estruturamos o espaço físico comunica, de forma direta ou indireta, mensagens simbólicas sobre a proposta pedagógica, pois revela nossas concepções de infância, de desenvolvimento infantil e de aprendizagem.



Professoras e alunos voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo em uma atividade sobre concepções de infância.

OFICINA XI – MÚSICA E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A falta de formação específica em muitas áreas da educação infantil tem dificultado as ações pedagógicas do/a professor/a e contribuído para o improvisado, o faz de conta que faz, enfim, para a au-

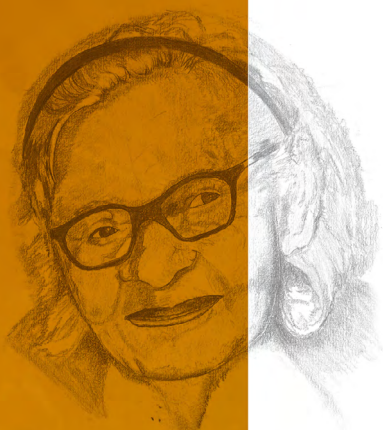
sência de conhecimento que respalde o fazer docente em creches e pré-escolas deste país.

O mau uso das diferentes linguagens, especialmente a música e o movimento, nas instituições de educação infantil é uma confirmação dessa realidade constatada também na Creche Padre Geraldo e por isso trabalhada com as profissionais.

Ao abordamos o tema *Música e movimento na educação infantil*, tivemos o intuito de refletir acerca das práticas existentes em torno dessas linguagens e mostrar algumas das inúmeras possibilidades que a literatura aponta.

Para começar o dia, preparamos intencionalmente um café da manhã regado à música clássica. A reação de alguns profissionais ao entrarem no refeitório foi muito interessante, muitas entraram conversando e, mesmo comendo, continuaram a conversa, outras (uma minoria) perceberam logo que “o ambiente estava mais acolhedor” (expressão delas), sentaram-se à mesa, “comeram devagar”, “embalaram seus corpos e mentes ao som da melodia” e saíram “relaxadas” para o início dos trabalhos (afirmativas das profissionais).

Após o café da manhã o grupo foi recebido em uma sala de aula com música ambiente e muitas bolas (bexigas) coloridas espalhadas. Cada pessoa foi convidada a pegar uma bola da cor de sua preferência e brincar tranquilamente com ela. Depois alguns comandos foram dados, como: de acordo com o ritmo da música (mudava-se com uma certa frequência os tipos de música: forró, samba, instrumental, MPB etc.) jogue a bola ao alto e não a deixe cair; passe a bola de uma mão para a outra; troque de bola com o/a colega; junte-se a um/a colega e dance com a bola na testa, na barriga, no nariz... Para finalizar, cada um/a, individualmente, segurou sua bola e caminhou/dançou levemente pela sala.



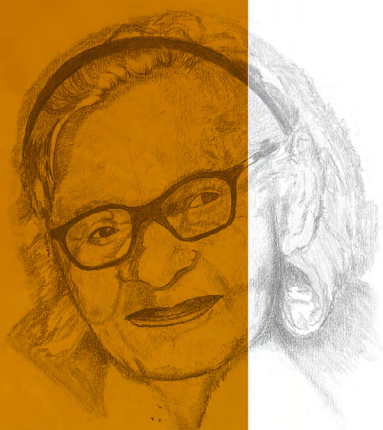
Essa atividade proporcionou um dia de trabalho bastante produtivo, em que todas as profissionais participaram. Encaminhamos um debate com muita tranquilidade e, ao mesmo tempo, com uma explosão de falas Causada pelo gosto pela música, o bem que ela proporciona, as lembranças que traz e pelo fato de o corpo não conseguir ficar parado diante dela.

Muitas foram as leituras feitas sobre as experiências vividas. Aproveitamos, então, para ressaltar que tudo que tinha sido dito era verdadeiro, mas que nada daquilo foi por acaso. Cada atividade foi muito bem planejada/estudada e tinha/tem objetivo definido. Mostramos que existem muitos estudos confirmando a importância do movimento e da música na educação infantil, entre eles o RCNEI, quando afirma:

O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento da cultura humana. As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez mais controle sobre o seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o seu meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 2001, p. 15).

Mais adiante o mesmo documento destaca:

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos, e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que,



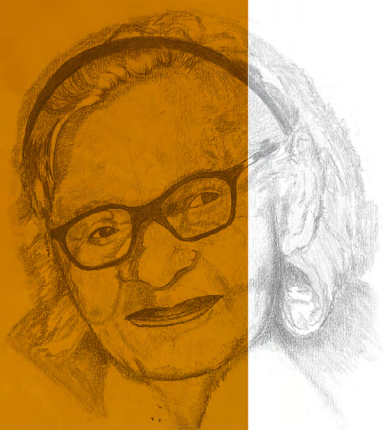
já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil particularmente (BRASIL, 2001, p. 45).

Fundamentos como esses ajudaram as profissionais a entenderem que o movimento e a música não podem ser apenas mais uma atividade do dia a dia, sem maiores conotações ou expectativas. Muitos aspectos precisam ser redimensionados no trabalho com as diferentes linguagens, principalmente a música e o movimento, a começar pelos conteúdos a serem especificados no planejamento escolar, que devem ser definidos de acordo com a faixa etária das crianças, bem como os objetivos propostos e a finalidade, sentido e significado no processo da aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Para que essa visão simplista e destituída de intencionalidades seja exaurida é preciso que haja um esforço pessoal de cada profissional para captar informações e transformá-las em recursos que representem mudanças em suas práticas.

Assim, prosseguimos o trabalho tentando desenvolver atividades que subsidiassem as profissionais em suas práticas pedagógicas. Propusemos, então, a produção de uma obra de arte.

Entregamos uma folha de ofício, canetas e tintas coloridas a cada participante, colocamos a música *Aquarela*, de Toquinho, e sugerimos que registrassem livremente o que a música comunicava. Depois foi entregue outra folha e um pedaço de lã colorida e, de forma espontânea (essa foi a orientação dada), cada pessoa colocou o pedaço de lã sobre a folha para que, a partir da maneira como essa



lã ficou, a arte fosse sendo desenvolvida. Música (que foi a mesma) e lã foram os instrumentos que possibilitaram a criação dos/as artistas. Fizemos questão de chamar a atenção de todos/as para a maneira (didática utilizada pela professora) como as atividades foram conduzidas – uma mais livre e a outra dirigida. Enfim, o trabalho docente em ação de forma consciente e planejada.



Professora e alunos voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem.

Para finalizar a oficina, realizamos um momento de relaxamento com todos/as os/as participantes. Cada um/a escolheu um lugar na sala, estendeu uma toalha (solicitada na oficina anterior) e se deitou de bruços com os olhos fechados, ouvindo a música que tocava (instrumental). Corpo, mente e alma em uma só sinfonia.



Voluntários do projeto e profissionais da Creche Padre Geraldo participando de uma dinâmica de relaxamento.

OFICINA XII – LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As linguagens artísticas estão presentes desde muito cedo no dia a dia das crianças, que já chegam à creche com diversas vivências e habilidades artísticas, pois convivem com a arte cotidianamente.

As crianças comunicam-se através da arte, uma vez que ela possibilita que se conheçam melhor, explorem o ambiente, se relacionem com outras e se descubram de várias maneiras, seja balbuciando, falando, gritando, chorando, mexendo o corpo, gesticulando, dançando, riscando, rabiscando, pintando, cantando ou fazendo de conta. Assim contam o que sentem, pensam e buscam, essa experiência com as múltiplas linguagens é fundamental para o desenvolvimento infantil.

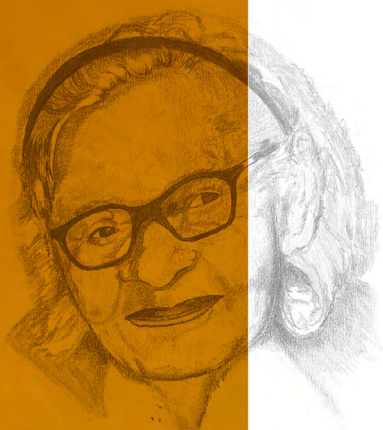
Nessa perspectiva, o/a professor/a de educação infantil deve propiciar às crianças experiências ricas e variadas com as linguagens artísticas. Como instrumento pedagógico, as linguagens artísticas contribuem para o desenvolvimento das capacidades de apropriação de conhecimento das crianças, favorecendo o conhecimento artístico e estético, ampliando seus olhares em relação ao mundo, seu potencial cognitivo e suas emoções, na busca por contribuir para a formação de crianças apreciadoras, leitoras e fazedoras de arte.

Nesse sentido, Lima (2005) acrescenta que o/a professor/a necessita se dedicar sistematicamente à busca e aquisição de novos saberes, especificamente artísticos e estéticos, com conteúdo atualizado, significativo e com base nos conhecimentos prévios das crianças.

Muitas pesquisas acerca da formação do/a professor/a da primeira infância apontam para a necessidade da abordagem dos saberes que constituem as suas práticas com as crianças (Bassedas, Huguet & Solé, 1999; Brasil, 2001; Campos, 1999). Logo, fomos levados/as a pensar a relação entre os saberes docentes das profissionais da Creche Padre Geraldo e a contribuição desse processo formativo via projeto de extensão.

Como já dito em outro momento desta obra, o movimento de refletir coletivamente sobre a prática docente com crianças pequenas e de construir alternativas para as demandas que delas emergem foi um pressuposto incorporado ao processo de formação das professoras da creche.

As experiências com linguagens artísticas acontecem no dia a dia das crianças, como forma de expressão e comunicação de si no mundo, para os mais variados fins. No entanto, há momentos em que é necessário conhecer com maior propriedade os aspectos de tais linguagens, ampliando os saberes sobre a produção cultural dos conhecimentos que as constituem.



Foi o que ocorreu nessa oficina, a abordagem das linguagens artísticas na educação infantil como tema de trabalho e estudo possibilitou a reflexão das professoras da creche sobre as peculiaridades desse campo do conhecimento.

Para sensibilizar as professoras, recorremos à dinâmica do cumprimento, que nos ajudou a pensar e exercitar as linguagens artísticas do corpo, do movimento e do encontro com o outro.

Os/as participantes, então, foram orientados/as a formar um círculo e cumprimentar os colegas, de acordo com os comandos dados. Começamos a narrar a história de uma viagem por muitos países, chamando a atenção para o fato de que em cada país há uma forma diferente de cumprimentar as pessoas, e essas maneiras de cumprimento deveriam ser reproduzidas com os colegas. E assim diz a história:

Passei pela Índia, onde todos se cumprimentavam com um belo **sorriso**;

passei pela Rússia, onde todos se cumprimentavam com um **beijo no rosto**;

passei pela Suécia, onde todos se cumprimentavam com os **cotovelos**;

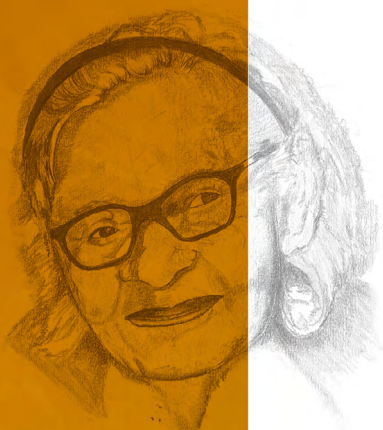
passei pelo Japão, onde todos se cumprimentavam **tocando os joelhos**;

passei pelo Chile, onde todos se cumprimentavam com a **ponta do nariz**;

passei pelo México, onde todos se cumprimentavam **tocando os pés**;

passei pela China, onde todos se cumprimentavam com o **encontro do bumbum**;

passei pelo Canadá, onde todos se cumprimentavam **batendo palmas**.



Finalmente, o melhor momento foi quando eu cheguei ao Brasil, o meu país, terra maravilhosa, calorosa, onde todos nós, brasileiros, nos cumprimentamos com muito afeto. É o país onde sentimos o calor humano através do cumprimento mais fervoroso, que é **o abraço**.

Na execução dos comandos dados, observamos que todos os cumprimentos, gestos e atitudes foram realizados de forma muito espontânea, descontraída e respeitosa. Vimos também que as pessoas se expressam e interagem umas com as outras, através das emoções que se transfiguram em linguagem corporal. E, assim, lembramos que nos primeiros anos de vida as crianças aprendem através dos vínculos afetivos (Brasil, 2001), pois o corpo é um elemento que proporciona o desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e cultural delas. Segundo o RCNEI:

[...] O diálogo afetivo que se estabelece com o adulto, caracterizado pelo toque corporal, pelas modulações da voz, por expressões cada vez mais cheias de sentido, constitui-se em espaço privilegiado da aprendizagem. A criança imita o parceiro e cria suas próprias reações: balança o corpo, bate palmas, vira ou levanta a cabeça etc. (BRASIL, 2001, p. 21).

A creche, como lugar privilegiado para a produção e aprendizagem da cultura, pode experimentar e criar modos de acesso e convivência com os saberes nas mais diversas áreas do conhecimento. A necessidade de transformação no modo de conhecer, de aprender e de fazer exige mudança tanto nos ambientes, nos espaços de aprendizagem e de reflexão quanto na necessidade de novas atitudes, espírito coletivo, criatividade artística e pedagógica. Daí a importância de um trabalho como esse, que gerou muito debate e discussão entre as professoras da creche e o grupo extensionista.

Assim sendo, recorreremos à linguagem musical para auxiliar ainda mais no debate e na vivência com as expressões artísticas. Num cartaz, expusemos a letra de uma música italiana. Sabemos que o contato com gêneros musicais diversos, sejam nacionais ou estrangeiros,



alarga as possibilidades de expressão e comunicação humana, interferindo nas formas de ser e estar no mundo. Por compartilharmos um repertório musical universal sentimo-nos iguais, no entanto, também diferentes, pelas formas individuais e subjetivas de produzi-lo, utilizá-lo e, até mesmo, modificá-lo, inserindo novos elementos.

Un ciodo de fero vecio
dela mecanica dela mecanica. (2x)
Ohi bela mechimecomica
mechimecomeca, mechimecomica. (2x)
Un ciodo de fero vecio
dela mecanica de precision. (2x)
Ohi bela mechimecomica
mechimecomeca, mechimecò. (2x)

Lida e cantada várias vezes por todos/as os/as participantes até acertarmos o ritmo, foi uma descoberta e um aprendizado extraordinários, principalmente quando começamos a buscar extrair o sentido que a canção comunica e a relação que tentamos fazer com a profissão docente – a necessidade de revisão do automóvel e a necessidade da formação continuada e permanente na profissão docente.

A devida manutenção do automóvel é uma maneira de garantir que ele funcione bem e com mais segurança. Com frequência, o automóvel necessita realizar a substituição, retificação ou ajuste de peças do motor, como bomba de óleo, anéis de êmbolo, cabeçote, válvula, árvores de transmissão, mancais e tantos outros reajustes necessários ao seu bom funcionamento. Metaforicamente falando, na profissão docente não é muito diferente, a necessidade de revisão do conhecimento ocorre através da formação continuada e permanente como forma de recarregar as baterias, trocar o óleo e rever conceitos que carecem ser atualizados.





Professora e alunos voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem.

Da música cantada à reflexão e entendimento da responsabilidade que compete ao professor/a, com o seu processo formativo, de ser um/a profissional diferenciado dos demais, especialmente por lidar com gente e evidentemente ser o/a responsável pela educação de pessoas.

Portanto, o desafio posto a essa/a profissional é grande, ainda mais quando se trata de uma educação para crianças pequenas, aquelas nas quais imprimimos as primeiras marcas do saber escolar. Nesse sentido, vale recorrer a Arroyo, quando tão brilhantemente diz que:

Pela própria experiência humana, pelo convívio com filhos(as), netos(as), na família, pela proximidade com a infância nas salas de aula sabemos que ninguém nasce feito. Nós fazemos, nos tornamos gente. – “Virou gente!” – falamos com orgulho de um filho, crescido e criado. Não nascemos humanos, nós fazemos.

Aprendemos a ser. Todos passamos por longos processos de aprendizagem humana. Se preferirmos, toda criança nasce humana, mas isso não basta: temos que aprender a sê-lo. Podemos acertar ou fracassar. Nessa aprendizagem também há sucesso e fracasso (2000, p. 53).

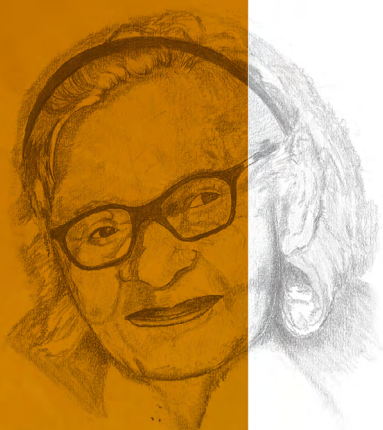
Assim sendo, a formação docente não pode ser vista apenas como um processo de acumulação de conhecimento de forma estática, como cursos, teorias, leituras e técnicas, mas sim como a contínua reconstrução da identidade pessoal e profissional do/a professor/a.

Esse processo deve estar vinculado à concepção e à análise dos contextos sociais e culturais, produzindo um conjunto de valores, saberes e atitudes encontradas nas próprias experiências e vivências pessoais, as quais imprimem significados ao fazer educativo.

O direcionamento que damos ao nosso ser professor/a diz muito do trabalho que realizamos com as crianças. Se reconhecemos nossas limitações e nos permitimos aprender a cada dia, possivelmente tendemos a desenvolver uma prática docente eficiente e digna que realmente colabore no e para o crescimento dos/as cidadãos/ãs pequenos/as.

Por outro lado, se acreditamos saber muito e expressamos a não necessidade da busca constante pelo conhecimento, infelizmente assumimos o descompromisso não só com a profissão, mas com muitas vidas que passam em nossas mãos.

A ação docente, portanto, precisa ser permeada de um sólido saber teórico e consolidada na prática cotidiana através do desejo/vontade de mudança, mudança essa que se faz presente na inovação e transformação do ato meramente pedagógico e burocrático para o ato essencialmente humano de ensinar e aprender e aprender e ensinar.



Aprendemos que a música, o jogo cantado e as demais linguagens artísticas são fundamentais na educação da criança pequena. Então, mais uma música fez o grupo soltar a voz e o corpo. Um corpo vivo, criativo, comunicativo e espontâneo, numa linguagem cujo conhecimento musical e corporal se constrói.

RATATA, RATATA, GULI, GULI, RATATA...

A Ê A Ê... GULI, GULI, GULI, RATATA...

Muitas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada, deixando pouco ou nenhum espaço às atividades de criação ou às questões ligadas à percepção e conhecimento das possibilidades e qualidades expressivas dos sons.

Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização.

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos e jogos de mãos são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva.

Considerar tal fator na formação docente dá outra direção às mediações realizadas pelo/a professor/a no seu fazer docente, o que nem sempre é legitimado, por falta de conhecimento.





Voluntários do projeto e profissionais da Creche Padre Geraldo: interação e aprendizagem.

Após essa experiência com a música e o jogo cantado, recorreremos à fábula *O pastor e o lobo*, entregando o texto a cada pessoa individualmente para a leitura coletiva compartilhada. O texto dizia:

Um Jovem Pastor de ovelhas, encarregado que fora de tomar conta de um rebanho perto de um vilarejo, por três ou quatro vezes fez com que os moradores e os donos dos animais viessem correndo apavorados ao local do pasto, sempre motivados pelos seus desesperados gritos: “Lobo! Lobo!”.

E quando eles se aproximavam do local do pastoreio, imaginando que o jovem estava em apuros com o lobo, lá estava ele sempre a zombar do pavor que todos estavam a sentir.

Entretanto, o lobo, por fim, se aproximou de fato do rebanho. Então, o jovem pastor, agora realmente apavorado, tomado pelo terror e aflição, gritava desesperado: “Por favor, venham me ajudar;

o lobo está matando todo o rebanho!”. Mas, dessa vez, seus gritos foram em vão, e ninguém mais deu ouvidos aos seus apelos.

Moral da História 1:

Ninguém acredita em um mentiroso, mesmo quando ele se dispõe a falar a verdade...

Moral da História 2:

Um homem sem palavra é sempre um homem sem honra.

(Autor: Alberto Filho)

Em seguida, solicitamos que se organizassem em pequenos grupos para socializarem a mensagem do texto. Sugerimos a inserção de variadas formas de representação, ou seja, através da dança, da música, do teatro e da narração. Assim foi feito e mais uma vez vimos muita criatividade e capacidade de criação e expressão.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo dramatizando uma atividade teatral.

Dizer que a música, a dança, o teatro e a pintura são linguagens artísticas significa entendê-las como tradutoras de significados e sentidos atribuídos por nós, de forma coletiva/social e particular/individual, pela mediação semiótica da cultura (Vygotsky, 1999).

Na realidade, são atividades simbólicas e linguísticas que, por isso, apresentam grandes possibilidades de criação e expressão em todas as idades, principalmente na etapa do desenvolvimento humano da qual tratamos aqui.

Experimentar possibilidades e operar com os sentidos e sensações por meio da música, da dança ou do teatro é constituí-los/construí-los, grafando-os em nosso próprio corpo para que não se retire de nossas crianças, desde cedo, o prazer, a beleza e a expressividade que a arte proporciona.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo dramatizando uma atividade de dança.



Voluntários do projeto de extensão *Fortalecendo a formação da professora da primeira infância* e profissionais da Creche Padre Geraldo dramatizando uma atividade de música.

As linguagens artísticas ajudam a criança na construção de sentidos e aprendizados significativos, uma vez que operam com signos, símbolos e objetos que se traduzem em oportunidades de representação e construção do mundo interno e externo. Da mesma forma, constituem-se também em uma produção sociocultural, já que denunciam os modos de ser e estar de um determinado grupo, inserido numa cultura datada, num tempo histórico situado.

Diante da riqueza de tantas possibilidades de re/criação do texto, vimos que o uso de suportes diversos contribui bastante na e para a aprendizagem das muitas linguagens artísticas. Dessa forma, encerramos o encontro acreditando que as linguagens artísticas têm ainda mais sua relevância quando passa da expressão à significação – e

esse processo realiza-se na interação do sujeito com o outro e com o mundo, sempre na intenção de significar, expressar, criar e comunicar.

Como ensina Merleau-Ponty (2002), o mundo suscita sentidos, os sentidos levam à criação de novas expressões, o sujeito e as linguagens criam sentidos e interpretações do mundo. Em suas diferentes formas, a linguagem é sempre uma expressão criadora de sentidos sobre o mundo.

OFICINA XIII – AS CRIANÇAS

Aliados à oficina das professoras, buscamos participar das atividades cotidianas da instituição, acompanhando alguns momentos em sala de aula para conhecer melhor o trabalho realizado com as crianças.

Então, começamos auxiliando as professoras no que elas precisavam e solicitavam (levar uma criança ao banheiro, organizar a fila para ir ao refeitório, fazer as pontas dos lápis, incentivar as crianças no desenvolvimento das atividades de registro etc.). Com mais propriedade e conhecimento desse universo, combinamos com as professoras um horário para a atuação do grupo extensionista em sala de aula.

Organizamos/planejamos, então, oficinas pedagógicas e desenvolvemos semanalmente o trabalho com as crianças. A música, a dança, os jogos, as brincadeiras, a contação de histórias, o desenho, a pintura, a modelagem e demais atividades lúdicas fizeram parte desse processo. Tivemos o cuidado para não comprometermos a jornada diária na creche, tentamos apenas contribuir com uma prática pedagógica que realmente respeite o direito de a criança aprender com alegria e prazer.





Crianças da Creche Padre Geraldo em uma atividade de interação e aprendizagem.

É importante registrar que essa experiência foi a mais desafiadora para o grupo extensionista. Sentimos na pele as inúmeras dificuldades (desde o espaço físico, que é muito pequeno, à ausência de material didático) pelas quais passam as professoras da creche e que infelizmente comprometem a prática pedagógica.

No entanto, vimos também a importância do conhecimento como ferramenta fundamental para desenvolver um trabalho com mais dignidade com as crianças, que já são desprovidas de tantos outros direitos. Nesse cenário, a educação desponta como uma grande esperança de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar desse projeto primeiramente nos emociona, pois uma coisa são os estudos e teorias discutidos no chão da academia, outra coisa é deparar-se com uma realidade que se acredita nem mais existir atualmente, como fome, miséria, instituições filantrópicas e professores/as leigos/as. A Creche Padre Geraldo é um retrato e um pedaço desse mundo, inicialmente assustador, mas, ao mesmo tempo, instigador de sonhos e desejos de mudanças.

Movidos/as pelo desejo de transformar essa realidade da creche é que fomos à luta, inicialmente tateando, tentando encontrar o caminho e buscar alternativas para superar os desafios e desenvolver o projeto. A abertura e a acolhida da professora Josefa Edite (coordenadora da creche) foram imprescindíveis para a realização dos trabalhos. As profissionais foram receptivas ao projeto e, com o passar dos meses e anos (a passos lentos), conquistamos a confiança do grupo, vimos as confirmações não em suas falas, mas no cotidiano de suas práticas. Algumas mudanças foram sendo evidenciadas, como o respeito e o afeto no relacionamento com as colegas; o trabalho com as crianças, que assumiu um caráter muito mais pedagógico; a institucionalização da hora do repouso após o almoço, que não existia na creche; a construção dos ambientes pedagógicos; o tanquinho de areia (que não tinha, na realidade nunca existiu) na área externa; e o hábito da leitura e estudo no planejamento.

Podemos dizer, sem nenhuma vaidade, que esse projeto foi da mais alta relevância, não só para a Creche Padre Geraldo, mas particularmente para o grupo extensionista, que descobriu que muito tem a aprender com a realidade concreta que se faz presente todos os dias, à nossa frente, e não enxergamos ou fingimos não ver.



O diálogo entre a teoria e a prática foi muito rico, percebemos que o conhecimento tem razão de ser quando é colocado a serviço da vida, senão de nada ele serve. Precisamos, portanto, dominar o conhecimento para nos tornarmos pessoas melhores e, conseqüentemente, construirmos um mundo também melhor para todas as pessoas.



REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. de G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BASSEDAS, E; HUGUET, T. & SOLÉ, I. *Aprender e ensinar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BOOF, L. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- _____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CAMPOS, M. M. *Formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate*. Campinas: Educação & Sociedade, v. 20, n. 69, p. 126-142, 1999.
- COELHO, P. J. S. *Trajétórias e narrativas de professoras de educação infantil do meio rural de Itaberaba: formação e práticas educativas* / Salvador, 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I.
- COSTA, E. M. D. Educação infantil, direitos humanos e inclusão social. In: MACEDO, G.; CARVALHO, M. E. G. *Educação escolar do campo e direitos humanos*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2010.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARDNER, H. *Inteligências múltiplas, a teoria na prática*. Porto Alegre: 2000.
- GIROUX, H. A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

KRAMER, S. *Profissionais de educação infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.

KUHLMANN, M. J. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M. M. de. *O ensino da arte na contemporaneidade*. Natal: Paidéia, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MOURA, M. C. Organização do espaço no contexto da educação infantil de qualidade. *Revista Travessias*, Cascavel, v. 05, n. 7, jul./dez. 2009.

MUTSCHELE, M. S. & GONSALES FILHO, J. *Oficinas pedagógicas: a arte e a magia do fazer na escola*. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

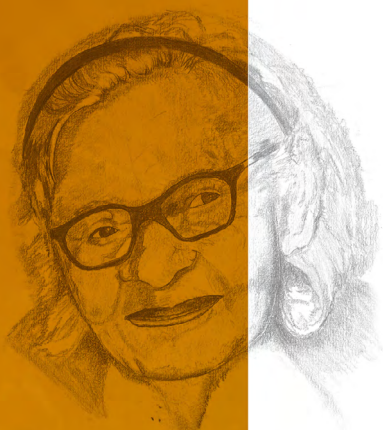
OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA, E. R. de. & MESSINA, V. da S. *Deixando marcas: a prática do registro no cotidiano da educação infantil*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

SCHMIDT, M. L. S. & MAHFOUD, M. *Halbwachs: memória coletiva e experiência*. São Paulo: USP, 1993

SOUZA, E. C. de. Estágio e narrativas de formação: escrita (auto) biográfica e autoformação. *Educação & Linguagem / Programa de Pós-Graduação em Educação*: Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Ano 8, n. 11, jan.-jul. 2005.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



SOBRE A AUTORA E O AUTOR

Efigênia Maria Dias Costa

Possui graduação em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba; especialização em Psicologia Escolar e da Aprendizagem, pela Fundação Francisco Mascarenhas; mestrado em Educação, pela Universidade Federal da Paraíba; doutorado em Ciências da Educação, pela Universidad Autónoma de Asunción - Revalidado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do DE/CCHSA da Universidade Federal da Paraíba. Coordena o laboratório de ensino, a brinquedoteca e o GT de Seminário Temático do DE/CCHSA/UFPB. Membro do conselho editorial da revista eletrônica Lugares de Educação. Atualmente tem realizado pesquisas sobre formação docente e educação infantil.

Luiz Eduardo Paulino da Silva

Doutorando em Educação, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro / Campus Maracanã (UERJ/RJ); mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM), pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); especialista em Educação de Jovens e Adultos, pela Universidade Federal da Paraíba, Campus III; especialista em Educação e Novas Tecnologias, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I; especialista em Educação Ambiental, pela Universidade Federal de Santa Maria, Campus I. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa LER - Laboratório de Educação e República: Memórias docentes luso-brasileiras (1960-1980), Proped, Programa de Pós-graduação em Educação/UERJ. Participa do Grupo de Pesquisa em Educação, Memória, Linguagem, Inclusão, GEPEMLINC do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática/UEPB. Desenvolve pesquisas sobre memórias, narrativas de si, (auto)biografia, história oral e formação de professores.



ÍNDICE REMISSIVO

A

acolhedora 9, 10
aprendizagem 10, 16, 21, 23, 48, 50, 52,
54, 68, 71, 73, 76, 77, 80, 83, 100, 101,
103, 106, 107, 111, 113, 114, 115, 116,
119, 121, 124

B

biblioteca 42
brinquedoteca 42, 126

C

comunicação 17, 69, 94, 106, 109, 112
contexto educacional 33
coração 11, 17, 54, 56, 57, 58, 64
cotidianas 31, 67, 120
creche 10, 17, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40,
41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 53, 54,
55, 56, 57, 59, 60, 63, 67, 69, 74, 76, 78,
81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 93, 96, 100,
102, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 120,
121, 122
Creche Padre Geraldo 14, 17, 21, 23, 24,
35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 50, 55, 61,
63, 66, 68, 71, 72, 74, 76, 80, 81, 97, 98,
100, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 113,
116, 117, 118, 119, 121, 122
crianças 9, 10, 11, 24, 26, 29, 33, 35, 36,
37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 53,
54, 56, 63, 64, 67, 68, 70, 73, 76, 77, 80,
82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92,
96, 97, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108,
109, 111, 113, 114, 115, 118, 120, 121,
122, 124

D

docente 9, 21, 27, 29, 39, 40, 48, 49, 52,
53, 104, 107, 109, 112, 114, 115, 126

Dona Edite 9, 10, 14, 15, 16, 34, 98

E

educação infantil 14, 17, 21, 22, 23, 36, 41,
44, 45, 49, 53, 60, 63, 67, 68, 69, 85, 91,
92, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 109,
110, 124, 125, 126
educacional 23, 27, 33, 35
ensino-aprendizado 10
ensino fundamental 22, 30
escrita 15, 17, 18, 24, 70, 84, 92, 94, 125
experiência 9, 14, 15, 16, 17, 21, 23, 28,
35, 38, 40, 41, 52, 54, 74, 77, 89, 108, 113,
116, 121, 125

F

felicidade 11, 32
formação continuada 17, 54, 112
fotografia 25, 29
função social 17, 24, 41, 63

H

história 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 31, 38,
44, 78, 80, 83, 84, 86, 89, 90, 91, 97, 98,
99, 110, 126
humanizadora 17, 36
humildade 11

M

memória 14, 15, 22, 23, 28, 31, 33, 124,
125
militância 14

N

narrativas 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29,
31, 124, 125, 126

P

pedagogia 9, 14, 124

prática docente 21, 52, 53, 109, 114
primeira infância 14, 17, 24, 35, 41, 50, 59,
61, 63, 66, 68, 71, 72, 74, 76, 81, 97, 101,
103, 107, 109, 113, 117, 118, 119
professora 9, 10, 11, 14, 17, 19, 20, 21, 22,
23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35,
36, 37, 38, 39, 41, 50, 55, 59, 61, 63, 66,
68, 71, 72, 74, 76, 80, 81, 97, 98, 101, 103,
107, 113, 117, 118, 119, 122

R

religioso 33

S

saúde 29, 30, 38, 67, 83

significados 14, 27, 28, 31, 90, 114, 118

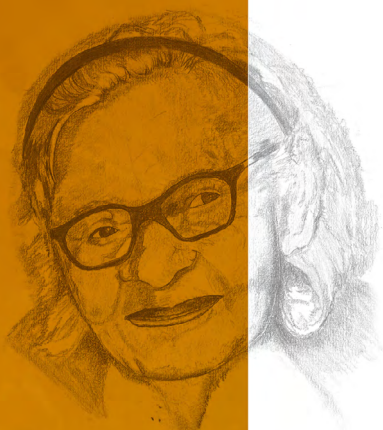
social 17, 24, 33, 41, 43, 44, 46, 52, 54,
63, 67, 102, 106, 111, 118, 124, 125
sociedade 29, 32, 33, 34, 45, 46, 57, 65,
77
solidariedade 36, 54

T

trajetória 11, 21, 22, 23, 31, 38

V

vida 9, 10, 11, 14, 15, 17, 21, 22, 23, 24,
28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 48, 51, 52, 53,
55, 56, 58, 64, 65, 111, 115, 121, 123, 125
vivência 10, 21, 53, 65, 82, 100, 111
vivências 16, 48, 49, 83, 102, 108, 114
voluntários 34, 35, 41, 81, 97, 101, 103,
107, 113



www.pimentacultural.com

Narrando para não esquecer:

vida, experiência,
docência e formação

Wilson Peres